



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**GISLAINE SANTOS MACHADO**

**ENFRENTAMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES NO PROCESSO DE  
RUPTURA DO RELACIONAMENTO CONJUGAL**

Palhoça  
2009

**GISLAINE SANTOS MACHADO**

**ENFRENTAMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES NO PROCESSO DE  
RUPTURA DO RELACIONAMENTO CONJUGAL**

Relatório de pesquisa apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora: Ana Maria Pereira Lopes, Msc.

Palhoça  
2009

**GISLAINE SANTOS MACHADO**

**ENFRENTAMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES NO PROCESSO DE  
RUPTURA DO RELACIONAMENTO CONJUGAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de psicólogo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

Unisul, 22 de Junho de 2009.

---

Prof.<sup>a</sup> e Orientadora Ana Maria Pereira Lopes, Msc.  
Universidade do Sul de Santa Catarina. Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Saydi Karolin Maciel, Msc.  
Universidade do Sul de Santa Catarina. Santa Catarina

---

Juliana Belincanta, Psicóloga.  
NASF - UBS Bela Vista - Palhoça. Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha filha querida Ana Barbara, pelo amor e pela compreensão que teve para que eu pudesse concluir este objetivo.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço à minha amada família, minha pequenina adorada, que suportou com ternura esperar-me chegar até aqui. Filha te amo. Obrigada, obrigada, obrigada!

Agradeço a meu companheiro de vida, Valdemar, que, à sua maneira, contribuiu e torceu por mim apoiando-me nesta construção. Valdemar você me ensinou a ser forte. Obrigada.

Agradeço à minha mãe, que torceu por mim desde o meu nascimento e que me ensinou a respeitar e compreender o sofrimento humano. Mãe você é uma grande mãe !!!

Agradeço imensamente à minha orientadora, a professora Ana Maria Pereira Lopes, por seu apoio e dedicação, pelos momentos em que nos fez parar para perceber detalhes muito importantes, que poderiam passar despercebidos, enriquecendo assim nosso olhar sobre o fenômeno humano. Por nos acompanhar de forma interessada, participando de cada passo nesse processo. Pela escuta e diálogo. Pelas vezes, que de maneira firme nos disse “você pode mais, banque isso”, fazendo crescer nossa segurança. Ana você é uma pessoa admirável !!!

Gostaria de agradecer também aqui, minha estimada professora Saily K. Maciel, por ter sido tão acolhedora na minha chegada ao campus. Por me inspirar e me pontuar coisas importantes, trazendo luz às supervisões que tive com ela. Saily você reforçou meu amor à Psicologia e sempre será especial para mim !!!

As professoras Regina Ingrid e Ana Maria Luz e Lucia Regina B.O.Cardoso, que se fizeram um exemplo de postura acolhedora, na qual eu sempre me espelharei enquanto profissional. Para além da competência que possuem, vocês se revelaram lindas pessoas !!!

Por fim, gostaria de agradecer à todos os meus queridos professores dos Campus de Tubarão e Pedra Branca, que cada um à seu modo, contribuiu imensamente para o meu conhecimento. Vocês foram maravilhosos !!!

A todos aqui mencionados o meu carinho e minha gratidão.

## ***Boa Sorte***

É só isso,  
Não tem mais jeito  
Acabou, boa sorte  
Não tenho o que dizer  
São só palavras  
E o que eu sinto  
Não mudará  
Tudo o que quer me dar  
É demais  
É pesado  
Não há paz  
Tudo o que quer de mim  
Irreais  
Expectativas  
Desleais  
Mesmo se segure  
Quero que se cure  
Dessa pessoa  
Que o aconselha  
Há um desencontro  
Veja por esse ponto  
Há tantas pessoas especiais...  
O bom encontro é de dois...

( Ben Harper / Vanessa da Mata)

Editada aqui somente em português

## RESUMO

Dados do IBGE apontam que os índices, referente ao número de separações no Brasil vêm aumentando consideravelmente. Assim, esta pesquisa emerge da necessidade de se conhecer de forma mais aprofundada a realidade das mulheres que passam pela ruptura da relação conjugal. Esse tema é abordado em meio a um cenário de dualidades de paradigmas a respeito da re-configuração dos papéis femininos, do casamento e de estruturas familiares, que resultam de construções norteadas por códigos sociais, estigmas culturais e contexto histórico. O objetivo deste estudo é caracterizar os enfrentamentos vivenciados por mulheres no processo de ruptura do relacionamento conjugal. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que pretende identificar os sentidos atribuídos na ótica de mulheres que vivenciam situações de separação. Esta pesquisa teve como delineamento a pesquisa exploratória. Para realizar a coleta de dados, optou-se pela utilização de uma entrevista semi-estruturada. Os dados foram coletados junto a um grupo de quatro mulheres, na faixa etária de 30 a 41 anos, usuárias do Serviço de Atenção à Saúde da Mulher da Unidade Básica de Saúde Bela Vista, em Palhoça/SC. Os dados foram organizados a partir de categorias *a posteriori* e analisados à luz da teoria Sistêmica. Os principais resultados desse estudo apontam para questões de conflitos, que se dão no âmbito psicossocial feminino e que surgem mediante as demandas conjugais e da separação. As mulheres optam pelo casamento de modo idealizado, e o modelo que seguem é o convencional pela sociedade. Dentre os enfrentamentos experienciados com a separação, emergem como sendo primordiais as condições de reestruturação de vida e o suporte familiar, que se refletem nas instâncias emocionais e estruturais das informantes. No âmbito emocional, as mulheres sofrem com a sua separação e pela separação dos filhos de seus respectivos pais. As mulheres trabalham ainda mais com a partida do cônjuge, contudo, esse se revela um recurso indispensável para a manutenção básica de sua família. Na esfera social, fontes de apoio podem se tornar complicadores, e desse modo as mulheres se movimentam em direção à auto-preservação. Por fim, pode-se observar que, apesar dos papéis femininos terem apresentado evoluções em relação ao seu empoderamento, muitas mulheres ainda não estão cientes desse fato.

**Palavras-chave:** Separação conjugal. Mulheres. Saúde

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Representação dos processos de interação entre sistemas e subsistemas familiares ..... | 36 |
| Quadro 1 - Composição das categorias e subcategorias.....   | 47 |
| Quadro 2 - Caracterização das informantes.....  | 49 |

## LISTA DE SIGLAS

ACS - Agente Comunitário de Saúde.

CEP - Conselho de Ética em Pesquisa da Unisul

CNS - Conselho Nacional de Saúde

HIV/AIDS - *Human Immunodeficiency Virus*/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PACS - Programa Agentes Comunitários de Saúde

PAISM - Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher

PSF - Programa Saúde da Família

SUS - Sistema Único de Saúde

UBS - Unidade Básica de Saúde

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                          | <b>12</b> |
| 1.1 PROBLEMÁTICA.....                             | 13        |
| 1.2 OBJETIVO GERAL.....                           | 20        |
| 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....                    | 20        |
| 1.4 JUSTIFICATIVA.....                            | 20        |
| <b>2 MARCO TEÓRICO.....</b>                       | <b>26</b> |
| 2.1 A FAMÍLIA E O CASAMENTO.....                  | 26        |
| 2.2 GÊNERO E A RELAÇÃO CONJUGAL.....              | 28        |
| 2.3 A CONDIÇÃO FEMININA EM ASCENÇÃO.....          | 31        |
| 2.4 SISTEMAS E SUBSISTEMAS FAMILIARES.....        | 35        |
| 2.5 MODIFICAÇÕES NA FAMÍLIA COM O DIVÓRCIO.....   | 38        |
| <b>3 MÉTODO.....</b>                              | <b>41</b> |
| 3.1 PARTICIPANTES.....                            | 42        |
| 3.2 EQUIPAMENTO E MATERIAIS.....                  | 43        |
| 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....           | 43        |
| 3.4 SITUAÇÃO DO AMBIENTE DA ENTREVISTA.....       | 44        |
| 3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....          | 45        |
| 3.6 PROCEDIMENTO DE SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE..... | 46        |
| <b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>     | <b>50</b> |

|   |    |
|---|----|
| 4.1 PERFIL DAS INFORMANTES DA PESQUISA.....                         | 50 |
| 4.2 ANÁLISE DE DADOS.....   | 51 |
| 4.2.1 O sonho do casamento.....                                     | 51 |
| 4.2.2 Os sofrimentos da separação.....                              | 63 |
| 4.2.3 Despertando para a realidade individual.....                  | 76 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 80 |
| REFERÊNCIAS.....  | 84 |
| APÊNDICES.....  | 90 |
| APÊNDICE A – Entrevista.....  | 91 |
| APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....        | 93 |
| ANEXOS.....   | 94 |
| ANEXO A – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos.... | 95 |
| ANEXO B – Folha de rosto para submissão do projeto.....             | 97 |

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida no campo de estágio praticado na Unidade Básica de Saúde Bela Vista, na comunidade de Palhoça/SC. A Psicologia, nesse local, tem como objetivo a atuação na atenção básica a saúde da família, que inclui ações na atenção básica á saúde da mulher, através do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM).

O referido campo de estágio foi escolhido pela acadêmica durante o curso, fazendo parte da formação final em Psicologia nos nono e décimo semestres da disciplina de Núcleo Orientado da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Neste campo de estágio, identificou-se a necessidade de se conhecer de forma ampliada a realidade enfrentada pelas mulheres da comunidade, quando se perspectivou o presente estudo.

Esta pesquisa será exposta seguindo a normatização vigente de trabalhos de conclusão de curso. Desse modo, seguirá apresentando no primeiro capítulo, a problemática relativa ao tema, e posteriormente serão descritos os objetivos geral e específicos, que serão sucedidos pela justificativa. O segundo capítulo refere-se ao marco teórico que embasa esta pesquisa, norteando o debate sobre os enfrentamentos que as mulheres passam quando se separam, considerando a construção e condição social, histórica e cultural das mulheres. No momento posterior será indicada a perspectiva sistêmica como meio de abordagem dos fenômenos, ponderando-se as dimensões subjetivas das mulheres e por fim discorre-se sobre a nova condição das mesmas com a separação. Na seqüência da pesquisa, será apresentado o método, incluindo nele a descrição do processo de coleta e análise de dados, mencionados no terceiro capítulo. O quarto capítulo inicia-se com a apresentação de dados pessoais das informantes, o perfil geral destas, seguido pela análise dos dados coletados. A conclusão sobre a pesquisa se dará por meio das considerações finais, onde são apresentados os resultados obtidos neste estudo, bem como parte da trajetória do processo de pesquisa e possíveis temas para o empreendimento de novas pesquisas.

## 1.1 PROBLEMÁTICA

Esta pesquisa teve por objetivo caracterizar os enfrentamentos que mulheres vivenciam ao passar pelo processo de ruptura do relacionamento conjugal, investigando possíveis associações entre esse processo e os aspectos de construção subjetiva, que possam vir a conflitar entre a identidade<sup>1</sup> individual e a identidade construída na interação entre o casal e conseqüentemente ocasionar a separação. Portanto, cabe aqui conceituar “enfrentamentos”:

Entende-se por *coping*[<sup>2</sup>] ou enfrentamento os esforços cognitivos e comportamentais, que as pessoas utilizam para lidar com as demandas internas ou externas, que surgem em situações estressantes e que são avaliadas como sendo uma sobrecarga aos seus recursos pessoais (LOPES; LOREIRO, 2007 p. 02).

Mediante essas afirmações, a compreensão de enfrentamento é percebida como o empenho de forças despendidas no processo de conjugalidade, bem como no momento da ruptura do relacionamento conjugal, uma vez que os aspetos afetivos e emocionais estão diretamente ligados ao âmbito dessa relação e, ao mesmo tempo, à individualidade de ambos os cônjuges.

Adentrando-se ao âmbito do tema, rupturas relacionais, contata-se que o número de separações no Brasil tem se apresentado de forma ascendente, segundo o último censo do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), realizado em dezembro de 2006 e publicado em 2007. Entre os anos de 2005 a 2006, o número de divórcios alcança a marca de 7,7%. Em 2006, o número de separações judiciais concedidas foi 1,4% maior do que em 2005, totalizando 101.820. Os divórcios concedidos tiveram acréscimo de 7,7% em relação ao ano anterior, passando de 150.714 para 162.318 em todo o país. Especificamente na região Sul, o crescimento foi de 10,4%. Os índices do IBGE (2007) confirmam que, enquanto as separações judiciais se mantiveram estáveis em relação a 2005, com taxa de 0,9%, os divórcios cresceram 1,4%. Torna-se necessário também,

---

<sup>1</sup> Identidade se refere à opinião pessoal de alguém sobre quais traços o caracterizam melhor. In: CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p.227.

<sup>2</sup> Na literatura o significado de *Coping*: se assemelha às expressões “lidar com” ou “enfrentamento”, que se referem às habilidades para enfrentar ou lidar com situações de estresse (Peixoto, 2004, p. 001). *Coping*, palavra inglesa sem tradução literal em português, que pode significar “lidar com”, “adaptar-se a”, “enfrentar” ou “manejar”. Essa palavra que não expressa toda a complexidade do termo, já que enfrentar significa “atacar de frente, encarar, defrontar” (Alves, 1956, p. 364).

vislumbrar as separações de casais que não passam por oficializações legais. Evidencia-se, assim, que as rupturas de relacionamento conjugal atingiram um índice bastante significativo nos últimos dez anos. Em face desses índices, percebe-se que os conflitos relacionais ampliam-se e a ruptura familiar é o resultante mais efetivo desse fato.

A relação conjugal,<sup>3</sup> ao longo dos tempos, passa por grandes e complexas transformações, sendo essas norteadas por condições sociais, culturais e históricas. Contudo, reportando-se a um dos conceitos atuais de conjugalidade, encontramos Féres-Carneiro (2003) que afirma ser possível pensar a relação conjugal na contemporaneidade como enfatizada em termos de autonomia e satisfação de cada cônjuge, num processo nômico, que põe em segundo lugar os laços de vinculação entre eles. A autora lembra, ainda que, para compor um casal, é necessário que ambos concebam uma “zona comum de interação”, co-construindo assim uma identidade conjugal. Contudo, os aspectos individuais e de identidade de cada um dos membros que compõem o casal são constituídos em seus respectivos grupos familiares e são projetados na relação de casal (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Desse modo, torna-se imperativo que esse casal busque meios de conciliar suas diferenças. Caso isso não ocorra, poderão surgir conflitos, emergirem rupturas relacionais e, por conseguinte, os enfrentamentos que resultam de tais rupturas.

Outros fatores poderão colaborar para que ocorram problemas no ajustamento conjugal. São eles: casamento após perda significativa para um dos cônjuges; desejos de afastamento da própria família; incompatibilidade familiar; morar próximo ou distante demais das famílias de origem; dependência financeira, física ou emocional; casarem-se muito jovens; casarem-se sem um tempo de convívio necessário para conhecerem um ao outro; casarem-se sem o conhecimento das famílias ou dos amigos; surgimento de uma gravidez antes ou durante o primeiro ano do casamento; dificuldades de relacionamento familiar por parte de um dos cônjuges; experiências frustrantes na infância ou adolescência de um dos cônjuges e influência de padrões familiares conjugais instáveis por parte de um dos cônjuges (BURCHINAL, 1965 *apud* CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 203).

---

<sup>3</sup> O artigo nº 1.576 do Código Civil Brasileiro (2008), “são fontes das relações jurídicas familiares o casamento, o parentesco, a afinidade e a adoção” O artigo nº 1.577, por sua vez, define que “casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexos diferentes que pretendem constituir família, mediante uma plena comunhão de vida”.

Contudo, cabe ressaltar que dentre os fatores acima mencionados, emergem como comportamentos complicadores da relação matrimonial, aspectos de identidade individual, tais como: o ciúme, alcoolismo e a infidelidade, possibilitados por padrões funcionais familiares, ou ainda, por construções subjetivas instauradas pela cultura, história e sociedade. A este Muller (2005, p.14) *apud* Kaslow e Schwartz (1995), reeditam:

[...] no final da década de 40, nos EUA, as mulheres realizavam o pedido de divórcio, alegando que os maridos eram: abusivos, alcoólatras, infiéis ou as rejeitavam. Nos anos 60 as alegações apontam crueldade, negligência ao lar e aos filhos, incompatibilidade sexual e infidelidade.

Desse modo, esses aspectos são considerados variáveis dependentes que se refletem perante a relação conjugal. Tais autores procuram, dessa forma, abranger a compreensão sobre o fenômeno da conjugalidade e as dificuldades que nela se originam, compreendendo as relações como possuindo uma influência multi-direcional. Consideram ainda, o intercâmbio entre os subsistemas conjugal e parental, evidenciados no repasse de componentes psicológicos, sociais e históricos que nutrem as relações que são dinamizadas pela interdependência, num processo de co-construção.

Supor-se-á a partir desses estudos, que as formas encontradas pelo casal envolvido, para lidar com os enfrentamentos que possam emergir perante uma ruptura conjugal poderão também, refletir aspectos intrínsecos de padrões funcionais das famílias de origem do casal. A este, Hill (1949, *apud* MOSMANN, 2007, p.25) indica aspectos estressores relativos à separação, como aqueles que requerem alguma adaptação familiar.

A quantidade de recursos varia entre as famílias e as leva a diferentes níveis de reação aos eventos estressantes o que modifica o tipo de impacto para cada família. Em qualquer circunstância, a quantidade de recursos disponíveis para uma família enfrentar uma situação estressante vai definir a natureza da crise que poderá gerar para essa família e sua capacidade de superação. A adaptação e superação são definidas pelo autor como a preservação da unidade do sistema familiar e que possibilite o desenvolvimento e crescimento de seus membros.

Os autores supracitados concordam e ressaltam que as influências do sistema parental compõem o processo de adaptação e interação entre os cônjuges,

mediante situações de crises conjugais, compreendendo que os enfrentamentos de fatores estressantes possam ocorrer segundo a dinâmica familiar de seus membros, como também a predisposição de recursos a estes.

Em se tratando de pressões emocionais, vivenciadas pelo casal no momento da ruptura, poderão emergir sentimentos conflituosos que irão incidir sobre determinadas questões, tais como: a decisão de separar-se ou divorciar-se, o anúncio da separação à família e aos amigos, a discussão sobre os arranjos financeiros e de custódia/visitação, a separação física do casal, o divórcio legal real, o contato para conversar sobre dinheiro e sobre filhos, dentre outros. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 23). Supor-se-á, então, que por estar em contato direto com os aspectos estressores, o casal vivenciará com maior intensidade as dificuldades, no momento da ruptura de sua relação conjugal, e a eles caberá, inclusive, o grande empenho de organizar modos de enfrentamento.

As transformações ocorridas na sociedade brasileira são fatores relevantes, que requerem pensar novas perspectivas de análise sobre problemática da ruptura do relacionamento conjugal e, nesse sentido, deve-se considerar, sobretudo, as mudanças ocorridas nos papéis de identidade de gênero feminino, oriundas de movimentos feministas, que buscavam a igualdade de gênero (PORRECA, 2005, p. 25). Assim investigando concepções de casamento, Féres-Carneiro (2003) afirma que, enquanto as mulheres concebem casamento como "relação amorosa", para os homens casamento é, sobretudo, "constituição de família". Nesse sentido, essas divergências em relação à concepção de casamento surgem como possíveis agravantes da desconstrução da conjugalidade, uma vez que os aspectos projetivos, idealizados, tornam-se fonte de exigências entre os casais, que o fazem na tentativa de suprir seus desejos e suas idealizações individuais na relação conjugal.

Na contemporaneidade, as funções desempenhadas pelas mulheres na união conjugal proporcionam maior independência, fator que, aos poucos, desmantela padrões sociais estigmatizados, diante da busca do encontro de pontos de igualdade na relação com seu companheiro. De parceira passiva na sociedade conjugal, a mulher passa a ter expressão na força de trabalho, participando de atividades antes reservadas ao homem. (JABLONSKI, 1998, p. 150). "A busca de direitos e deveres vai se instalando de forma complexa e desencadeia inúmeras

mudanças que passam a exigir uma reorganização na dinâmica do relacionamento conjugal”. (PORRECA, 2005, p. 21).

Carter e McGoldrick (1995, p. 32) afirmam que as mulheres, foram estimuladas a serem servis, cuidadoras e frágeis. No entanto, a condição feminina na relação matrimonial contemporânea ganha novos contornos, pois as expectativas atribuídas às funções desempenhadas pela mulher na relação conjugal remetiam-se sempre ao papel de cuidadora, ou seja, ela deveria se dedicar ao esposo, às crianças e aos idosos. Ainda, segundo as autoras, o *status* feminino era definido pelos homens no relacionamento e no ciclo de vida familiar, ao homem caberia prover a família em suas necessidades econômicas e receber estímulos para a força e virilidade, tendo assim que, romper com a identificação exposta pela figura maternal. Contudo, embora esses papéis dirigidos à mulher tenham sofrido transformações, que incidiram sobre as questões sociais e de gênero, ela experimenta conflitos no desempenho de suas funções, que são alocadas em três eixos: maternidade, profissão e casamento.

Conclui-se que haja auto-cobrança da mulher em relação aos cuidados com os filhos, o esposo, além de produtividade profissional. Nessas situações, ela poderá experimentar pressões e sentimentos paradoxais de forma interna e externa. Diante do exposto, afirma-se haver diferenças nos processos emocionais experienciados entre homens e mulheres mediante a ruptura do relacionamento conjugal. Nesse sentido, Erikson e Miller mencionam:

A identidade é definida como possuir um senso do eu á parte da própria família. O senso do eu nas mulheres, foi organizado em torno do ser capaz de desenvolver e manter relacionamentos. A ameaça de um rompimento de um relacionamento, muitas vezes é percebida, não apenas como a “perda do objeto”, mas como algo mais próximo a perda da própria identidade (ERIKSON 1963; MILLER 1976 apud CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 34).

O divórcio tem forte impacto sobre a vida da mulher e, nesse sentido, Carter e McGoldrick (1995, p.23), afirmam, ainda que “[...] as emoções liberadas durante o processo de divórcio relacionam-se primariamente à elaboração do divórcio emocional, isto é, à recuperação do eu em relação ao casamento”. A este respeito, compreende-se que as mulheres possam estar mais disponíveis aos

fatores estressores vinculados à separação, uma vez que parte de sua identidade tem forte vinculação com o papel relacional, dentro do grupo familiar.

Em se tratando da condição brasileira em áreas urbanas de baixa renda, evidencia-se a desestabilização crescente do papel exercido pelos homens, que até então era o de único provedor, como também a dificuldade para eles de garantir uma renda familiar adequada. Nesse processo de "transição de gênero", as mulheres atuam como participantes na provisão de renda familiar e passam, assim, também a serem responsabilizadas por ela, principalmente se têm filhos menores. (LUZ, et al., 1987, apud GIFFIN, 2008, p.03). As concepções ideológicas sobre a igualdade de gênero refletem a mulher como um ser "autônomo", que possui controle sobre sua fecundidade, que produz e tem sua renda "própria", passando de certa forma superficialmente pela realidade das mulheres de baixa renda, que, nesse sentido, experimentam outra realidade. O acesso dessas mulheres ao trabalho remunerado geralmente relaciona-se às suas habilidades "domésticas", funções que refletem a desvalorização, diante da baixa remuneração. Dessa forma,

[...] a dupla jornada enfrentada pelas mulheres nessa realidade, não reflete autonomia financeira, tão pouco independência familiar, mas a busca por atender as necessidades básicas de manutenção dos filhos, e reflete a desestruturação do provedor masculino no contexto de desemprego e salários inadequados à manutenção de uma família. (SCOTT, 1990; LUZ, 1987, apud GIFFIN, 1994, p. 03).

Corroboram com essa compreensão Carter e McGoldrick (1995, p. 322): "[...] as mulheres de classe socioeconômica baixa, podem considerar as dificuldades financeiras do divórcio como menos graves do que as mulheres de classe média e alta, pois seu estilo de vida não muda tanto" (GOLDBERG; DUKES, 1985, apud CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Observar-se-á, então, que as condições sociais das mulheres de baixa renda supõem algumas formas de enfrentamento, antecipadas por fatores sócio-econômicos e, neste sentido, estes fatores, que podem ser percebidos, em certos aspectos, como agravantes da crise conjugal, nem sempre se dão desta forma. É possível compreender que mulheres de baixa renda que, dispõem de certa autonomia financeira poderão vivenciar os enfrentamentos sócio-econômicos impostos no momento da separação com maior tranquilidade, uma vez que as dificuldades financeiras são características de sua situação social. Assim, de um modo mais genérico, é possível perspectivar que o processo de

separação requeira enfrentamentos diferentes, de acordo com diversas configurações sociais.

Por tudo isso, é possível afirmar que o processo de ruptura de um relacionamento conjugal pode implicar na vivência de sofrimento, e que o casal não passará ileso emocionalmente por esse processo de ruptura. Contudo, tendo em vista o paradoxo instaurado sob o prisma de paradigmas sociais antigos e contemporâneos sobre a questão de gênero, poder-se-á supor especificidades entre homens e mulheres para lidar tanto com a conjugalidade, quanto com a desconstrução dela. Mediante o exposto, questiona-se: ***quais os enfrentamentos que mulheres vivenciam no processo de ruptura do relacionamento conjugal?***

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Caracterizar os enfrentamentos que mulheres vivenciam no processo de ruptura do relacionamento conjugal.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. identificar o significado que mulheres atribuem ao relacionamento conjugal;
2. identificar as dificuldades que mulheres experimentam ao passar pelo processo de separação de seu cônjuge;
3. identificar de que forma as mulheres agem mediante situações oriundas do processo de ruptura do relacionamento conjugal.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa tem por propósito caracterizar os enfrentamentos que as mulheres vivenciam no processo de ruptura do relacionamento conjugal. Assim, este estudo buscará subsídios que auxiliem na compreensão do fenômeno da ruptura relacional, sob a perspectiva ciência Psicológica.

Evidencia-se um aumento significativo no número de separações e divórcios, segundo os índices do IBGE (2007), entre os anos de 2005 e 2006. Referindo-se ao número de casais separados, é apontado um aumento de 1.405 casos, enquanto o número de divórcios aumentou 11.700 casos, perfazendo um total de 13.105 rupturas conjugais a mais do que no ano anterior. Desse modo, observar-se-á influências de transformações econômicas, tecnológicas, sociais e morais ocorridas no Brasil nos últimos anos.

A mulher, em face desse contexto, implicada pelo acúmulo de papéis, dentre outros fatores, não menos significativos, apresenta uma maior incidência de

estresse (LIPP, 2003/2001, apud SOCORRO et al., 2007 p. 06). Segundo a formulação de Figueira (1981) sobre fatores relevantes componentes do estresse feminino,

[...] trata-se da consolidação da identidade profissional, acoplada a papéis masculinos, em contraposição a uma nostalgia narcísica de grande mãe sábia, generosa, transmissora de afeto e do poder, tal qual como uma imagem mítica, representante da segurança e do equilíbrio, uma fonte inesgotável procurada (FIGUEIRA, 1981, apud NEGREIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p. 06).

Constata-se então a necessidade de pesquisas na área de saúde que visem propiciar melhoras na qualidade de vida da população feminina. Neste sentido, este estudo procura compreender a realidade das mulheres que passam pelas situações de ruptura da relação conjugal e como vivenciam está realidade, observando os enfrentamentos vivenciados por elas, com vistas a ampliar horizontes sobre o referido fenômeno.

A atual política de saúde da mulher no Brasil vem sendo desenvolvida por meio da atenção básica à saúde da família, e é convencionada pela Portaria nº 648/GM, de 28 de março de 2006, que estabelece a revisão de diretrizes e normas para a organização Atenção Básica, para o Programa de Saúde da Família (PSF) e o Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS). São estratégias de ação, norteadas por diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), que as direcionam através dos parâmetros da universalidade, da acessibilidade na coordenação dos cuidados, do vínculo e continuidade, da integralidade que converge para vários olhares sobre o sujeito em sua saúde e doença, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social. Dentre tais princípios, sugeridos para a implementação dos serviços no âmbito da saúde, a integralidade emerge como sendo a forma mais adequada de assistir os sujeitos em sua existência e sofrimento, ou seja, na saúde e na doença, ao que Bicalho (2008) acrescenta:

O trabalho interdisciplinar possibilita um olhar integrado do sujeito e da comunidade, as diversas áreas do conhecimento contribuem para uma melhor compreensão do sujeito e melhor propõem intervenções que atendam as necessidades da população. É surpreendente a rede de atenção e serviço comunitário que é possível organizar a partir da Estratégia Saúde da Família (ESF).

Contudo, na Unidade Básica de Saúde (UBS) no bairro Bela Vista, em Palhoça/SC, que atualmente é assistida pelo serviço de Psicologia, foi possível identificar que a dimensão da promoção de saúde da mulher não tem sido contemplada em sua esfera psicossocial. Esta constatação, somente foi possível com a abertura de campo de estágio, propiciado por meio do convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Palhoça e a Unisul, em março de 2006, no qual se buscou a implementação do serviço de Psicologia, pretendendo, através do campo de estágio, atuar na promoção, prevenção e assistência à saúde da comunidade. Em face disso, acabou-se verificando algumas dificuldades de instalação de serviços que assistam a mulher em suas dimensões psicológicas e sociais, sendo estes serviços destinados às mulheres e pautados nos aspectos biológicos da feminilidade.

Confirmando essa lógica, o projeto de psicologia da Unisul, da qual esta pesquisadora participa, e que atua através de estágio profissionalizante na atenção básica à saúde das mulheres, na UBS da comunidade de Palhoça, tem encontrado dificuldades para a implantação de um serviço integralizado em relação à assistência adequada aos usuários do sistema. Assim, faz-se necessário grande investimento na compreensão do que vêm a ser a integralidade em saúde junto à equipe de saúde e junto às mulheres que freqüentam a UBS. A este, dois fatores estão implicados: o primeiro fator de destaque é aquele que demonstra como as mulheres não têm sido assistidas como deveriam, em virtude da própria indisponibilidade destas em participar; sendo este um comportamento que emerge dos reflexos de construção subjetiva, em que as mulheres colocam-se por último nas questões de suas vidas. O segundo fator a ser considerado, trata de reflexos de longos anos de uma visão e atuação biologicista dominante, que focava a doença ao invés da saúde e atualmente aparece sob um cenário de críticas e transformações, mas é muito difícil de ser dissolvida. As equipes de saúde estão caminhando a passos lentos para tal transformação, observa-se que tem sido um exercício difícil, derrubar este padrão tão arraigado. Contudo, a interdisciplinariedade é uma questão bastante nova na rede pública de saúde. Assim, a psicologia deve auxiliar para que se construa um sentido significativo sobre a dimensão psicológica e social dessas mulheres, junto a elas e à equipe de saúde que as assistem.

Diante desta realidade, este estudo tem por pretensão a promoção de algum subsídio que embase a dimensão do sofrimento psíquico em relação às

formas de enfrentamento de mulheres, mediante as experiências vivenciadas no processo de separação de seu cônjuge. Entende-se que a compreensão que elas possuem sobre a conjugalidade pode afetar socialmente a construção de sua identidade individual e conjugal, e que essa influência poderá ocasionar conflitos internos e externos, colaborando para a desestruturação de sua saúde.

Ao realizar este estudo sob o aspecto proposto, aspira-se ampliar a compreensão sobre o fenômeno “de ruptura da conjugalidade”, sob o ponto de vista da própria mulher, contribuindo, assim, para elencar elementos que possibilitem intervenções culturais significativas, que promovam transformações no âmbito de sua saúde, com vistas a ampliar sua qualidade de vida. Nesse sentido, Mosmann (2007, p.48) afirma:

O conflito conjugal se define teoricamente como o resultado de divergências de interesses do casal [...] O conflito implica em emoções negativas e sentimentos negativos quando do conflito [...] Normalmente, o conflito supõe enfrentamento e, em algumas ocasiões pode gerar ruptura e levar a construção de processos destrutivos.

Sobre tais condições, torna-se possível conjecturar que esse tipo de relação, possa culminar em ruptura relacional, e desse modo, é possível que desencadeiem processos psicossomáticos patogênicos, compreendendo que a percepção e superação dessas relações poderão contribuir para o amadurecimento dessas mulheres, auxiliando-as assim, para que em suas possíveis e futuras escolhas venham a alcançar maior autonomia. Compreende-se, assim, que, independente de quais forem os motivos dessa ruptura conjugal, considerar-se-á que há um complexo processo a ser elaborado entre as partes envolvidas.

Assim, este trabalho não se configura como um posicionamento em defesa ou oposição ao matrimônio, mas sim em defesa do bem-estar dos sujeitos submetidos à suas implicações. Portanto, esta pesquisa revela-se como contribuição social, na medida em que se dispõe a colaborar com a compreensão dos aspectos enfrentados no processo de ruptura da conjugalidade, que podem afetar os sujeitos dessas vivências.

Analisando pesquisas já produzidas sobre o tema em base de dados, tais como os bancos de teses: PUCRS<sup>4</sup>, PUCSP<sup>5</sup>, Ppsi<sup>6</sup>, BVS<sup>7</sup>, Scielo<sup>8</sup>, percebe-se a

---

<sup>4</sup> <http://tese.pucrs.br>

urgência em se pensar novos modos de intervenção perante essa realidade social que se instala sobre o casamento e que acaba resultando em rupturas relacionais. A este respeito, Mosmann (2007), pesquisando sobre qualidade conjugal, detecta a importância da qualidade conjugal na relação pais e filhos, o caráter dinâmico, interativo e bidirecional da relação entre a conjugalidade e a parentalidade, a evidência da expressão das características pessoais dos cônjuges, tanto na conjugalidade quanto na parentalidade. A autora menciona ainda, a necessidade de promoção de intervenções com casais, no sentido de enriquecer suas habilidades pessoais e parentais.

Féres-Carneiro (2003), investigando como homens e mulheres vivenciam o processo de dissolução do casamento, e buscam reconstruir suas identidades individuais após a separação conjugal, constata diferenças entre as vivências masculinas e femininas. Verifica que, em relação ao desejo e à decisão de separação, a predominância é feminina. Já, referindo-se ao processo de separação e reconstrução da identidade individual sobre as atitudes e os sentimentos de homens e mulheres, verifica que para os homens, os sentimentos aparecem como “frustração e fracasso” e, para as mulheres, como “mágoa e solidão”. A autora conclui ainda que, homens e mulheres comportam-se diferentemente e manifestam de forma distinta seus sentimentos em relação à separação e àquilo que a possa tê-la instigado.

Daspett (2005), em estudos efetuados sobre a repercussão do diagnóstico de HIV/AIDS na trajetória de casais heterossexuais soroconcordantes. Conclui que a aventura de constituir um casal nos tempos de hoje vem perdendo sua pompa e solenidade, afirmando ainda, que se trata cada vez menos de uma iniciativa destinada a durar por toda a vida e cada vez mais a durar enquanto for satisfatória. A autora assegura ainda que, o divórcio quando ocorre, ou quando sua possibilidade se torna real na vida dos casados, é uma das mais significativas crises da vida do adulto, considerando-se que inúmeras e incontáveis podem ser as razões objetivas e práticas das separações.

Negreiros e Féres-Carneiro (2004), estudando famílias de crianças e adolescentes portadores de transtorno mental, afirmam que a nova forma familiar

---

<sup>5</sup> [www.sapientia.pucsp.br](http://www.sapientia.pucsp.br)

<sup>6</sup> <http://www.scielo.br>

<sup>7</sup> <http://www.bvs.br>

<sup>8</sup> <http://www.scielo.bvs.psc.br>

tende ao divórcio, pois estabelece laços informais e sem comprometimentos. Mediante essas afirmações, pode-se perceber certo individualismo sobre as bases que se constituem as relações conjugais na contemporaneidade.

Por tudo isso, esta pesquisa revela-se significativa, uma vez que amplia e produz conhecimento científico sobre as condições que produzem as possibilidades de desestruturação da mulher no âmbito das relações afetivas, psicológicas e sociais. No que se refere, especificamente, aos enfrentamentos vivenciados por mulheres no processo de ruptura da relação conjugal, não há estudos produzidos dentro da realidade investigada.

Deste modo, detecta-se a necessidade de maiores investigações, que possibilitem o desenvolvimento da compreensão sobre o fenômeno da separação, para que seja agilizado o empreendimento de intervenções adequadas à referida situação. Neste sentido, aspira-se que especialistas e estudiosos das áreas do Direito, da Psicologia, da Filosofia, dentre outros, possam utilizar este estudo para se aproximarem da realidade experienciada pelas mulheres que se separam, conhecendo e considerando as condições biopsicossociais de diversos grupos, com vistas a obter maior entendimento sobre a complexidade desse fenômeno.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 A FAMÍLIA E O CASAMENTO

Não existe uma definição singular sobre “família”. Os conceitos divergem por áreas específicas, abordagens diferenciadas dentro da mesma área de estudos e ao longo de períodos históricos. Dentro da perspectiva eleita para abordar esta pesquisa, considerar-se-á o conceito do autor da teoria Sistêmica, Minuchin (1982 apud MELO et.al 2005 p.2), que afirma ser a família “uma unidade social, funcionando como matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros”. O autor elucida um conceito que preconiza a família como um sistema, no qual os membros se co-constroem no processo relacional de forma bi-direcional.

Numa dimensão global e atual, poder-se-á afirmar que o casamento constitui-se pela união de dois seres, unidos em torno de laços afetivos, sendo quase sempre estruturado por uma família. Contudo, o aspecto afetivo vislumbrado nessa sentença é oriundo de transformações ocorridas entre os séculos XVI e XX, ou seja, ao longo de quatrocentos anos de evolução. Ao mapear os motivos de mudanças e procurando abranger um sentido amplo sobre o conceito de família, encontramos Roudinesco (2003, p. 13-18), que afirma ser a família caracterizada pela conexão de pessoas em torno da filiação, do casamento e da sucessão de genes. Nesse caso, a configuração familiar é concebida por afinidade, simbolismo, união e consangüinidade.

Roudinesco (2003, p. 19) demarca três fases de evolução familiar. Numa primeira fase, as escolhas para compor o casal são arranjos constituídos pelos pais dos casais, sem considerar a afetividade entre eles. A união é então constituída sob a ótica do poder patriarcal, refletindo assim o repasse do poder monárquico e divino em sua forma horizontal, na qual a família tradicional é percebida como conveniente para garantir a transmissão dos bens da família.

Na segunda fase, o casamento passa a ter como base a afetividade, enfatizando-se a sintonia dos sentimentos e as idealizações sobre o amor romântico, que permite nessa relação a externalização dos desejos, tidos como “carnais”. Nesse sentido, a família configura-se de forma moderna, passando o casal a

considerar a divisão das tarefas, sendo ainda atribuídas a ambos a responsabilidade pela educação e criação dos filhos.

Na terceira fase denominada pela autora de família “contemporânea” ou “pós-moderna”, a união do casal dura enquanto existir entre ambos a possibilidade de realização de seus desejos de intimidade e sexualidade. Desse modo, percebe-se que o casamento como “instituição familiar”, no modo contemporâneo, encontra-se vulnerável e em fase de readaptações, mediante as influências, pelas quais perpassam aspectos de idealizações e realizações individuais, dos membros que compõem o casal, podendo assim emergir novos complicadores subjetivos esboçados na relação conjugal.

Em certo sentido, confirmando essa lógica de transformação, uma visão complexa e contemporânea sobre a família é trazida à cena por Carter e McGoldrick (1995, p.19), segundo as autoras, a família não pode ser concebida como um conceito estanque, uma vez que difere em questões étnicas e culturais. Uma mesma família pode vivenciar ciclos de vida distintos, compor-se e recompor-se de maneiras diferentes e evoluir numa dinâmica inter-relacional. Sendo assim, consideram a configuração familiar como um processo dinâmico, movendo-se segundo sua raça e cultura, através do tempo, com diferentes rituais e em desenvolvimento inter-relacional de co-construção.

De acordo com Hankner (2002 apud SOCORRO, 2007, p. 04), “a família contemporânea enfrenta diversas mudanças em sua configuração e estrutura. No entanto, o casamento continua sendo um dos momentos significativos do ciclo vital individual e familiar”. Supor-se-á, mediante essa afirmação, a necessidade de ver de alguma maneira a concretização das uniões, estreitando-se os laços, através de rituais simbólicos, que de forma subjetiva conformam os vínculos afetivos por meio de uma simbologia atribuída.

## 2.2 GÊNERO E A RELAÇÃO CONJUGAL

No Brasil, visões paradigmáticas sobre a família e o casamento ainda persistem, tentando coexistir com as transformações ocorridas no contexto sócio-econômico e político, que emergiram com o advento da tecnologia e através de movimentos feministas, que reivindicavam direito de igualdade na questão de gênero. É nesse contexto de mudanças que se reconfiguram funções relativas aos papéis de gênero.

É imperativo compreender e abordar a questão de gênero quando se discute relações conjugais. Segundo Negreiros e Féres-Carneiro (2004, p. 02), “[...] não existe conteúdo universal para os papéis de gênero, pois estes são construções históricas, sociais e culturais”. Nesse sentido, o termo “gênero” engloba uma construção social definida por características culturais e psíquicas e pela imputação de significados atribuídos por cada sociedade, diferindo-se em sua forma entre mulheres e homens, segundo traços, comportamentos, valores e sentimentos. Portanto, esse conceito traz, em sua composição, um sentido normativo sobre o sentir, pensar e agir do modo feminino e masculino de ser, sem abordar a dimensão anatômica.

Compreendendo que a relação conjugal é permeada por construções subjetivas, percebe-se também que a união conjugal implica, inclusive, na conciliação das diferenças entre os gêneros. Para Féres-Carneiro (2003), independente de gênero, o sofrimento humano vivenciado pelo casal durante a ruptura da relação conjugal, difere somente em especificidades relativas aos sentidos e às motivações atribuídos, bem como aos comportamentos manifestados em relação à ruptura, havendo equiparação do sofrimento, pensado como fenômeno humano. A isso, Walsh (2002, p. 22) acrescenta que “os critérios de avaliação dos homens sobre o que é satisfatório ou problemático em uma relação, diferem sensivelmente entre homens e mulheres.” Nesse sentido, supor-se-á que homens e mulheres poderão divergir quanto à percepção e ao modo de enfrentar a ruptura conjugal. É preciso também considerar que o casamento para os homens tem um sentido de “estruturação familiar”, enquanto que para as mulheres o que se destaca é o “amor”. (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004. p. 03).

Esses significados atribuídos remontam à estruturação social, referente ao repasse cultural e familiar, sobre concepções sócio-pedagógicas do que seria feminino e masculino. Para Baggio (1976), “[...] os desempenhos esperados culturalmente, que os meninos sejam ‘fortes, independentes e dominantes’ e as meninas ‘dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam seus impulsos agressivos e sexuais’[...]”. Considerando-se que as experiências masculinas são reforçadas em termos práticos de desempenho e que as vivências femininas são enfatizadas em termos de sentidos e afetividade, supor-se-á que alguns dos reflexos desses modos de estruturação revelam-se de forma paradoxal na interação entre o casal: a mulher viabilizando seus sentimentos, numa ótica bem subjetiva, e o homem, ao contrário, vislumbrando a praticidade e a objetividade.

Pode-se observar também que, em decorrência de reflexos sociais, políticos e econômicos, emergem significativas mudanças na percepção sobre atribuições aos papéis de gênero. Durante muitos anos a condição das mulheres no âmbito social, foi subjugada sob a concepção de gênero, em versões diferenciadas para os papéis masculinos e femininos. Essas concepções versam sobre o sentido mais amplo da cultura em períodos históricos de determinadas sociedades, nas vivências desses sujeitos. Nesse sentido, segundo Carter e McGoldrick (1995), as mulheres, nos relacionamentos humanos, estabeleceram seu papel, sobressaindo-se através de sua capacidade de fornecer cuidados, de manter, defender e tecer as redes relacionais nas quais estão inseridas. Contudo, ainda segundo as autoras, essa capacidade para os relacionamentos, na concepção masculina, era percebida como condição de fragilidade.

Dentre os papéis que se impunham sobre a mulher, destaca-se o papel masculino do “mentor”, pelo qual a mulher seria a ponte que iria auxiliar o homem na concretização de seus sonhos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 32). A este respeito, pode-se afirmar que os homens, em sua socialização, recebem estímulos e vêem enfatizadas suas conquistas fora do âmbito familiar, sendo sua subjetividade permeada por aspectos de autocontrole, pelos quais são negadas as manifestações emocionais, expressando-se isso sobre a forma de domínio das emoções e manutenção da racionalidade. Mediante essas condições, e pretendendo a conservação desse padrão, os homens são compelidos a inibir sua capacidade de responder às necessidades que emergem de outros. As demandas emocionais são contidas, na compreensão de que cabe à mulher a satisfação de suas necessidades

sexuais e emocionais. A tarefa do homem é então a de prover as necessidades econômicas, proteger e dirigir sua família.

Isto posto, poder-se-á imaginar algumas dificuldades que possam ser vivenciadas pelas mulheres que anseiam por respostas afetivas, vislumbrando a relação conjugal de forma romântica, mantendo uma expectativa de que os homens venham a externalizar seus sentimentos por elas. James (1985) contribui com tal visão, ampliando a dimensão sobre a compreensão dessa mulher, barrada em sua condição pessoal:

As estruturas patriarcais são transmitidas através da aquisição da cultura, da linguagem e da identidade de gênero, e a família é o local dessa transmissão [...] Na medida em que existe uma disjunção entre a ideologia e a experiência de uma mulher, ela tenderá a se culpar, a se perder e a se modelar de modo a se ajustar a esse quadro. Esta ideologia cria um silêncio nas mulheres, falar contra ela pode trazer rótulos e sanções que a marcam como tendo um desvio [...] O valor das mulheres depende muito de seus papéis como esposas e mães. Seu valor está ligado aos seus relacionamentos com os homens e deles se deriva (JAMES, 1985 apud CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 34).

A mulher, percebida como base para a concretização dos sonhos masculinos, é colocada e se coloca em segundo lugar no plano das realizações pessoais. A capacidade feminina de expressar afeto, emoção e empatia é reforçada na construção de sua identidade, sendo considerada também como função feminina a responsabilidade de amenizar conflitos e estar disponível para acolher e confortar as demandas masculinas. De acordo com Daspett (2005, p. 39), em sua educação as mulheres são estimuladas também a reprimirem comportamentos espontâneos, controlar seus anseios sexuais, expandir a afetividade aos íntimos, auxiliando e se dedicando ao crescimento do outro, fornecendo-lhe cuidados e ternura. Restando-lhes, assim, apenas o papel de zeladoras do lar.

## 2.3 A CONDIÇÃO FEMININA EM ASCENSÃO

Reportando-se às primeiras décadas do século XIX, a História registra que a mulher ainda era valorizada por sua condição maternal, fato que acaba por lhe conferir uma identidade dentro da família. Essa condição é impulsionada por um modelo higienista, que atende a interesses de Estado da referida época (BRAGA; AMAZONAS, 2005, p. 01). O declínio do modelo tradicional familiar é incentivado principalmente por fatores como o advento do divórcio e a ascensão profissional da mulher (BORSA; FEIL, 2008, p. 03).

Até a década de sessenta do século XXI, sob o estigma da repressão, a mulher viveu no conformismo. No entanto, a falta de reconhecimento e de valorização de sua posição no lar, a subordinação ao masculino, com o tempo, fizeram com que a figura feminina fosse tomada por alguns pontos de angústia (DASPETT, 2005, p. 39). Desse modo, a mulher, ansiando por liberdade, buscou transpor essa condição. A autora argumenta ainda, que, nesse sentido, nos anos sessenta, surgem movimentos feministas que, inspirados no “*slogan*” da Revolução Francesa, reivindicam direitos à “liberdade, igualdade e fraternidade”. Nesse contexto, os movimentos feministas reclamam pelo direito da mulher vir a ter maior liberdade de expressão e um lugar na sociedade.

Concomitante a esses movimentos, a condição sócio-econômica acaba por lançar a mulher ao mercado de trabalho, tendo por estímulo a complementação da renda familiar. O avanço tecnológico contribui com o barateamento de eletrodomésticos, o que acabou por gerar maior ambição de compra, mais empregos e a facilitação das tarefas domésticas, impulsionando o trabalho feminino para fora do lar (JABLONSKI, 1998, p. 147).

Jablonski (1998, p. 147) assinala, sobre as condições econômicas que corroboraram para que a mulher viesse a participar do mercado de trabalho,

[...] os ditâmes econômicos foram importantíssimos, mas não só conseguiram pôr em ação a até então emperrada roda da liberação feminina, porque encontraram um terreno extremamente propício para isto: uma mulher isolada, sitiada, sentindo-se inútil, com a percepção da progressiva desvalorização dos serviços domésticos, com menos filhos para criar/cuidar e com maiores expectativas de/na vida e um clima de crescente liberdade.

Desse modo, as mulheres, embaladas pelas oportunidades editadas nesse cenário, deslocam-se para a participação ativa na vida pública, através de uma ocupação remunerada, com vistas a dar os primeiros passos de um longo período de transformações necessárias à sua autonomia no âmbito social e privado.

Ao adentrar no mercado de trabalho, a mulher pôs em decadência o modelo patriarcal, uma vez que passou a participar da condição de provedora das necessidades familiares (BRAGA; AMAZONAS, 2005, p. 01). Desse modo, o pai, que tem sua função de prover o “pão de cada dia” da família, perde o sentido de único provedor, apesar dos homens ainda disporem de maiores recursos econômicos do que as mulheres. Com relação a esta realidade, inúmeras são as controvérsias, alguns estudos revelam a visão de uma mulher realizada e independente, enquanto outros falam de uma mulher sobrecarregada e vivenciando sentimentos ambíguos de culpa e maior autonomia. Porém, pode-se perceber que, apesar desta dualidade, a mulher que trabalha ainda apresenta maior realização. Contudo, devido ao acúmulo de papéis, apresenta-se também propensa a maiores chances de apresentar estresse. A este respeito, Socorro et al (2007, p. 09), afirma:

Embora, num primeiro momento, [a mulher] tenha obtido ganhos que lhe deram capacidade de produzir intelectualmente, de participar, de decidir e de escolher, ela também teve um preço a pagar. A figura feminina passou a assumir uma multiplicidade de papéis, tais como dona-de-casa (tarefas domésticas), esposa, mãe, e profissional (atividade extra-lar), sendo esses fatores os responsáveis pela ocorrência do estresse feminino. Nesse sentido, o estresse, em suma, pode ser originado por vários fatores: dedicar-se mais ao trabalho ou aos filhos; viver o lado profissional mais como uma obrigação e meio de sobrevivência, ressentindo-se da falta de tempo para si mesma e da relação com os filhos; o condicionamento cultural e social; a sua fisiologia e as mudanças que ocorrem em sua vida como a mudança de estado civil acarretando profundas alterações, colabora sobremaneira para que as mulheres possam ficar sujeitas ao estresse de longa duração.

Supor-se-á que, ao vivenciar essas conflituosas condições, a mulher poderá vir a experimentar alguma desestruturação em sua saúde, sendo possível que apresente somatizações e psicopatologias. Desse modo, tais fatores poderão em certos aspectos, inviabilizá-la socialmente. Nesse sentido, sua condição pode tornar-se um agravante para a manutenção de uma relação conjugal conflituosa, na qual as responsabilidades do casamento poderão ser percebidas por ela como mais um “peso a carregar”, levando-a inclusive a uma ruptura da relação conjugal.

Ao refletir como esses aspectos poderiam influenciar o casal a romper o vínculo conjugal, Walsh (2002, p. 20) afirma ser “[...] muito difícil manter coesão e intimidade no casal quando os cônjuges têm compromissos de trabalho separados que interferem no tempo e na energia dedicados ao relacionamento”. De acordo com Anton (1998, p. 276), “a insatisfação pode ocorrer quando não há lugar para o contato mais íntimo, para o diálogo, ou seja, para a manutenção afetiva e sexual do casamento, que colide com a vida laboral em excesso, fatores esses que podem ocasionar a ruptura da relação conjugal”.

Reportando-nos ao âmbito da saúde pública, pode-se constatar que o pensar sobre o ser humano e sua saúde ganhou momentos de reflexões ao longo das últimas décadas, as quais neste momento estão em processos de intensas mudanças. A política de saúde na atualidade encontra-se alicerçada sobre o tripé da promoção, prevenção e tratamento; portanto as intervenções na área da saúde devem ser orientadas por estes três parâmetros, pois é por meio delas que a saúde estabelecer-se-á no indivíduo e posteriormente na sociedade com maior eficácia (PROJETO “Atuação da Psicologia na UBS Bela Vista em Palhoça”, UNISUL: 2006).

Dentre as evoluções ocorridas na condição feminina, surge no campo da saúde pública a possibilidade de poderem contar com inovadoras formas de amparo à sua saúde. As atuais ações são focadas seguindo as novas normas do SUS e são direcionadas a prevenção, promoção e tratamento da saúde da família, que atuam na atenção básica, através do PSF. (BRASIL, 2007 a).

Vinculada às ações do PSF, situações sociais extremas que, anteriormente não eram reconhecidas como problemas pelos serviços de saúde, atualmente passam a fazer parte dos objetos de atenção. Na atenção básica a assistência feminina se dá através de um programa específico denominado PAISM, que surge em direção a estender recursos que assistam as mulheres em sua dimensão biopsicosocial. A este respeito Costa (1992) menciona:

O Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher surge em 1983, representando uma esperança de resposta ao dramático quadro epidemiológico da população feminina. Neste sentido grandes esforços foram empreendidos pelos movimentos sociais, particularmente o de mulheres, visando à implantação daquela prática assistencial, convencidos de que aquele modelo assistencial proposto pelo PAISM, é capaz de atender às necessidades globais da saúde da mulher (COSTA, 1992 *apud* OSIS, 1998 p.30).

Norteando os aspectos da integralidade, o PAISM tem como objetivo maior o atendimento à mulher em sua dimensão integral, assistindo-a de forma integral, em todas as etapas da vida, respeitando as necessidades e características individuais dessas mulheres. Os objetivos, segundo o Ministério da Saúde, são os seguintes:

Promover a melhoria das condições de vida e saúde das mulheres brasileiras, mediante a garantia de direitos legalmente constituídos e a ampliação do acesso aos meios e serviços de promoção; prevenção, assistência e recuperação da saúde em todo território brasileiro; contribuir para a redução da morbidade e da mortalidade femininas no Brasil, especialmente por causas evitáveis, em todos os ciclos de vida e nos diversos grupos populacionais, sem discriminação de qualquer espécie e ampliar, qualificar e humanizar a atenção integral à saúde da mulher no Sistema Único de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004 p.10).

Desse modo, pode-se constatar que as transformações referente à condição feminina, ocorrem também no âmbito da saúde pública, configurando-se assim num ponto ascendente relativos à sua cidadania e saúde.

Por tudo visto, percebe-se que houve significativas e evolutivas modificações quanto à liberdade, às formas de expressão, às escolhas da mulher e na assistência da saúde feminina. Porém, a construção subjetiva de sua identidade confere-lhe atribuições que, por vezes, tornam-se difíceis de serem conciliadas, em função do pouco tempo que dispõem para si próprias. Nesse sentido, poder-se-á conjecturar que não houve evolução, pois as mulheres continuam sob a condição de anonimato pessoal.

## 2.4 OS SISTEMAS E SUBSISTEMAS FAMILIARES.

Na contemporaneidade, as teorias que estudam os sistemas familiares concebem o mundo de forma integrada, interrelacional e dinâmica. Dentre as teorias encontradas, para explicar tais fenômenos, menciona-se a Teoria Geral dos Sistemas, que perspectiva a família como um sistema vivo e aberto, que contém subsistemas, com capacidade para se organizar e que estão em constante movimento. O biólogo alemão Ludwing Von Bertalanfy (1930, apud NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, p. 105), refere-se a esta teoria em correlação direta com a família, apontando que,

[...] as famílias funcionam como unidades organizadas [...] A família é mais que uma coleção de indivíduos, ela é uma rede de relacionamentos que procura por meio da homeostase, pela auto-regulação manter o sistema em um estado de equilíbrio dinâmico [...] todo o sistema é um subsistema de um sistema maior [...] a família é tida como um organismo vivo e aberto, por continuar interagindo continuamente com seu ambiente.

Essas afirmações convergem para a condição de se pensar a família num processo inter-relacional, interdependente e dinâmico, formado numa totalidade associada, com capacidade criativa e ativa para a auto-regulação.

A visão da família como um sistema, é refletida pela metáfora do funcionamento dos átomos e de suas moléculas, na qual os sistemas são percebidos como intra-sistemas, traçando-se assim um paralelo com as:

“[...] moléculas dentro de outras moléculas, de células dentro de outras células, que compõem tecidos que estão dentro de outros tecidos, nos órgãos que estão dentro de outros órgãos, de organismo e dentro de outros organismos, numa seqüência infindável de interconexões e afetações, atentando-se para o fato de que, quando ocorre ajuste, pode haver também um deslocamento para comportar tal estrutura. [...]” (DASPETT, 2005, p. 47).

Nesse sentido, a Teoria Sistêmica traz um entendimento sobre as famílias, procurando percebê-las enquanto sistemas e subsistemas que funcionam de forma interligada, enfatizando os processos de interação entre seus membros como co-responsáveis pela forma de co-construir suas identidades. Conclui-se

assim, que as famílias por meio de processos complexos inter-relacionais, através de seus membros, reeditam seu “*modus operandi*” na construção e desconstrução da conjugalidade de seus componentes. Contudo, como os sistemas familiares não são estáticos, podem também partir em busca de outras formas de funcionamento.

De acordo com as afirmações de César-Ferreira (2004, p. 180) “[...] a família é uma unidade psicoafetiva, da qual depende o desenvolvimento de seus membros. Na intimidade ela vai construindo um padrão relacional, que lhe confere uma unidade e identidade, a si e aos seus [...]”. Concebendo a família dentro de processo, supor-se-á que os acontecimentos ocorridos em seu âmago, não são individualizados, e sim, parte de um padrão relacional, que emerge de algum modo tentando assegurar a manutenção de seu modelo.

Segundo Nichols e Schwartz, (2007. p.100) “A teoria sistêmica, atua sobre bases da cibernética, que compreende a noção de “*feedback*”, como [...] o processo pelo qual um sistema obtém informações necessárias para manter um curso estável”. Compreende-se dessa forma que, no processo de interação o sistema, possa ser construído, em certa forma de funcionar, através mecanismos que alimentam seus subsistemas e a si próprio.

Desse modo, poder-se-á compreender as relações, ocorrendo num processo circular, em que A afeta B e C, que B afeta A e C, que C afeta A e B e assim por diante, num processo denominado causalidade circular, sem trabalhar com a noção de causa efeito, uma vez que se trata de um sistema co-construído por todos que integram o tempo todo e afetados por outros sistemas, e nesse caso, a família passa a ser subsistema, pois está sujeita às afetações de sistemas maiores, que incluem gerações, gênero e função (CÉSAR-FERREIRA, 2004, p. 182). Desse modo os sistemas e subsistemas são afetados de forma multi-direcional, conforme esquema de representação da figura a seguir:

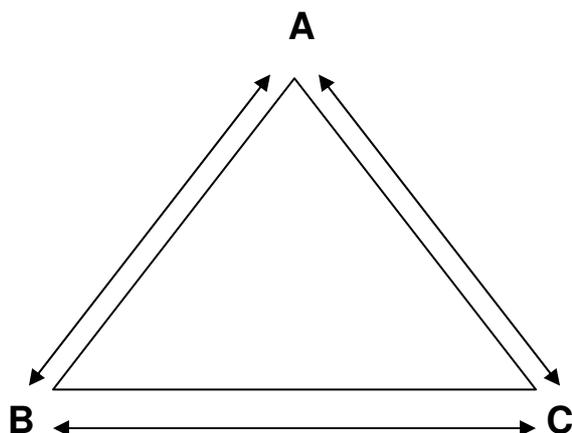


Figura 1 – Representação dos processos de interação entre sistemas e subsistemas familiares  
 Fonte: Elaboração da autora, 2009.

A visão sistêmica retira do construcionismo social, a condição de se pensar as relações sofrendo influências diretas do contexto. Buscando entender de que forma a significação social familiar, compreende o processo de construção da identidade das pessoas, como também as relações conjugais através de símbolos atribuídos por sistemas relacionais, é que menciona-se BLUMER (1969, apud DUPAS; OLIVEIRA; COSTA, 1997 p.3), que afirmam:

O ser humano age em relação às coisas com base nos sentidos que tais coisas têm para ele; o sentido das coisas é derivado, ou se origina da interação social que o indivíduo estabelece com os outros; estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo, usado pela pessoa ao lidar com as coisas e situações que ela encontra.

Segundo esta afirmação, a família é um grupo de pessoas em interação que criam seus símbolos e seus significados, esses vão influenciar na formação da identidade dos membros, na transmissão dos valores familiares e aprendizagem dos papéis sociais que cada um deve desempenhar (GRACIA; MUSITU, 2000 apud MOSMANN, 2007, p. 27). Nesta compreensão é possível perceber, que as formas em que se constituem os construtos familiares refletem-se na identidade de seus componentes, que irão dispor de padrões de funcionamentos distintos, mediante as demandas que podem vir a surgir na situação de crise conjugal.

Outro enfoque considerado pela Teoria Sistêmica, tem origem na Teoria do Apego de autoria Bowlby (1997, p. 98), na qual afirma que os seres humanos,

tendem a reeditar o vínculo maternal, vivenciado na infância em suas relações de modo afetivo, ao longo de suas vidas. Na definição deste autor, Apego é então:

[...] forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual é usualmente considerado mais forte e (ou) mais sábio. Embora seja especialmente evidente durante os primeiros anos da infância, sustenta-se que o comportamento de apego caracteriza os seres humanos do berço a sepultura (BOWLBY, 1997. p 171).

Nesta forma de compreender os relacionamentos afetivos, torna-se possível supor que os membros do casal em sua relação, poderão estar buscando constantemente, em suas vivências, a reedição de vínculos afetivos internalizados por padrões relacionais em sua infância.

Conclui-se que os teóricos sistêmicos, focalizam com pertinência, possíveis aspectos que possam insurgir sobre a relação conjugal, ou ainda, sobre sua desconstrução, através da busca pela compreensão de como funcionam as famílias enquanto sistemas vivos e de como organizam seus padrões interacionais ao longo das gerações.

## 2.5 MODIFICAÇÕES NA FAMÍLIA COM O DIVÓRCIO

O divórcio é considerado uma importante mudança no ciclo de vida familiar e também individual. Aparece como a segunda maior causa de estresse na família, sendo que a primeira causa é a morte. (HOLMES; RAHE, 1967 apud CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p.293). Contudo, na separação o que ocorre é que os papéis são reconfigurados e assim, acontecem transformações na estrutura familiar. Desse modo, pode-se constatar que a família não sucumbe, mas pode adquirir novos contornos, assim as atribuições do casal com filhos, enquanto pais permanecem através do vínculo de pertença e tutela, pois é a relação de casal que se rompe (AHRONS, 1994 p. 03).

Perez (1987) afirma que “[...] dentro da trama familiar, o casal adulto, unido pelo matrimônio ou em união estável, assume uma totalização de funções que pode ser discernida em três grandes campos ou aspectos: conjugal, parental e o

tutelar”. Isto posto, conclui-se que a manutenção de uma relação conjugal é constituída pela administração destes três aspectos, que são permeados por subjetividades de identidades individuais dos parceiros, imputados na relação casal.

Em contraposição, emerge a condição de se pensar sobre a volatilidade das relações, que de acordo com Jablonski (1998, p. 19):

[...] a família abre espaço para inquietações ligadas à busca do livre-arbítrio, de auto-satisfação e autonomia. Ainda segundo o autor, na era do “*eu/meu*”, na busca de realizações individuais, os aspectos familiares passarão a ocupar o segundo nível de importância.

Conclui-se que na ausência de um ajustamento saudável, possíveis crises poderão surgir e, desse modo, ocasionar a ruptura conjugal para além da relação marital, o que poderá afetar inclusive os níveis de envolvimento referente aos vínculos de tutela.

Na visão de Féres-Carneiro (2003):

[...] embora a separação possa ser, às vezes, a melhor solução para um casal cujos membros não se consideram capazes de continuar tentando ultrapassar suas dificuldades, ela é sempre vivenciada como uma situação extremamente dolorosa, havendo um luto a ser elaborado.

Sendo assim, a interrupção da união conjugal pode vir a representar aos membros do casal uma espécie de traição ao projeto de vida tão sonhado. Contudo, ao voltar o olhar sobre a condição das mulheres com a separação, pode-se conjecturar o quanto esses conflitos poderão ocasionar sua desestruturação, inviabilizando-a em seu crescimento, em sua evolução emocional ou cognitiva.

CARUSO (1989, apud FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 07) afirma que estudar a separação amorosa significa estudar a presença da morte na vida, ou seja, os cônjuges vivenciam uma sensação de morte recíproca: cada um tem que morrer em vida dentro do outro. A este respeito, poder-se-á supor que, com o rompimento da identidade conjugal, ambos os cônjuges deverão reestruturar suas identidades individuais, exigindo-se deles grande dinamicidade para a readaptação ao novo estilo de vida.

Portanto, a experiência da separação revela-se uma fonte determinante de novas elaborações sobre aspectos emocionais e organizacionais na vida das pessoas envolvidas. Contudo, tais exigências incidem com momentos de desestruturação em que os âmbitos básicos construídos na relação casal, são desmembrados. Dentro deste contexto Moncorvo (2008, p.32) afirma que:

A separação exige ajustes em diversos setores, emocionais e práticos, que envolve os integrantes da família. A resposta de cada indivíduo irá depender da circunstância da separação, da estabilidade emocional, psicológica e sócio-econômica, além da qualidade de vida, do estresse e do apoio disponível nos momentos que antecedem e seguem a separação.

Por tudo isto, torna-se necessário refletir sobre os enfrentamentos femininos que emergem com a cisão do casal. Assim, retomando o conceito inicial dessa pesquisa sobre, enfrentamento, menciona-se os esforços c3gnitos e comportamentais que as pessoas utilizam para lidar com as demandas internas e externas, que surgem em situa33es estressantes e que s3o avaliadas como sendo uma sobrecarga aos recursos pessoais. Sobre tal fundamento, h3 que se ressaltar que a separa33o vem se construindo a partir de pontos frustrantes do relacionamento conjugal. Deste modo, configura-se numa decis3o que se antecipa de pressuposi33es acerca das poss3veis dificuldades a serem enfrentadas. Assim pode-se conjecturar que nem sempre os sujeitos s3o surpreendidos. No entanto, esse fator n3o restringe as dificuldades que emergem na ocasi3o da ruptura. Assim, o que se pode arg3ir 3 o fato de se tratar muitas vezes da escolha de enfrentar tais aspectos, de ocorrer certa antecipa33o referente a poss3veis dificuldades, que ir3o enfrentar com a separa33o e por fim, que estes enfrentamentos possam ser caracterizados e dimensionados de acordo com aspectos subjetivos dos sujeitos. Deste modo, se interp3em entre tal conceito e a separa33o, especificidades referentes ao tipo de situa33o a que se aplica, requerendo, dessa maneira tais considera33es a respeito.

### 3 MÉTODO

Método é “[...] o conjunto de etapas e processos a serem vencidos ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade” (RUIZ, 1985, p. 131). Ao empreender este estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa, uma vez que foram privilegiados aspectos de aprofundamento na análise dos dados, pressupondo-se todas as variáveis sobre o fenômeno. Considerou-se a subjetividade dos sujeitos pesquisados, levando em conta suas crenças, valores, opiniões, atitudes e representações, expressos mediante relações convencionadas numa dada sociedade. Nesse sentido, de acordo com Costa (2001, p. 39):

[...] a pesquisa qualitativa é globalizante, holística. Procura captar a situação ou fenômeno em toda sua extensão. [...] a pesquisa qualitativa, trata de levantar todas as possíveis variáveis existentes, numa tentativa de enxergar, na sua interação, o verdadeiro significado da questão sob exame. [...] Na pesquisa qualitativa o pesquisador colhe informações, examina cada caso separadamente e tenta construir um quadro geral da situação. É um exercício de ir juntando as peças, como num quebra cabeças, até o entendimento global do problema.

Sendo assim, este tipo de pesquisa sugere investigar a natureza dos sentidos atribuídos e expressos pelos sujeitos pesquisados, na forma de ações, aspirações, motivos, crenças e conceitos que norteiam suas vivências sociais e culturais, nos períodos históricos nos quais estão inseridos. Destacam-se, como características da pesquisa qualitativa: o ambiente natural, como fonte de dados; o pesquisador como instrumento principal; a descrição e análise dos dados e a ênfase no processo, e não apenas no resultado.

Neste estudo, optou-se pela utilização da forma de pesquisa exploratória, cujo objetivo, segundo Gil (1991, p.45), “[...] é proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas à torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Neste sentido, o fenômeno enfrentamentos vivenciados por mulheres no processo de separação, foi analisado buscando-se reproduzir com fidedignidade a realidade investigada, sob o prisma das variáveis que o compõe e que interferem sobre ele, através de hipóteses e deduções. Assim, foi considerada a multiplicidade de condições que, juntas, poderão acionar a ocorrência desse determinado fenômeno.

Esta pesquisa se propôs a compreender os enfrentamentos femininos na separação. Assim, há que se considerar a percepção dos próprios atores sociais, buscando a essência do fenômeno e procurando entender como ele é vivenciado pelos sujeitos pesquisados (COSTA, 2001, p. 40).

Remontando à condição do pesquisador como instrumento principal, é preciso referir os atributos pessoais desejáveis, com vista a não comprometer a pesquisa e extrair dela dados que possuam validade. De acordo com Gil (1991, p. 45), um bom pesquisador necessita conhecer o assunto, ser criativo, curioso, possuir senso de discernimento e ser sensível à realidade social da pesquisa.

### 3.1 PARTICIPANTES

Para participar da pesquisa, foram selecionadas quatro mulheres separadas conjugalmente por um período de no mínimo seis meses e de no máximo cinco anos, e serem usuárias do serviço de atenção à saúde da mulher, da UBS Bela Vista, em Palhoça/SC, nos anos de 2008/2009.

#### 3.1.1 Critérios de inclusão

Nos critérios para participação das informantes, referente ao período estipulado de no máximo cinco anos da data da ruptura conjugal, foram norteados consideradas as afirmações de Carter e MacGoldrick, (1995, p.301) que delimitam um prazo de três anos para a superação dos aspectos oriundos da separação, neste sentido, nesta pesquisa amplia-se este período por mais dois anos, baseando-se nas afirmações de Ahrons (1995, p.74), que concorda com as autoras acima mencionadas, sobre os aspectos que incidem nas formas da superação dos enfrentamentos do divórcio, contudo, ressalta que após cinco anos do momento inicial da ruptura conjugal, alguns casos ainda poderão encontrar-se em processo de conflito.

### 3.2 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Procurando reproduzir com fidedignidade o teor dos conteúdos trazidos pelos sujeitos pesquisados, utilizou-se um gravador de voz no momento da entrevista, bem como outros instrumentos para a coleta e procedimentos, a saber:

- folhas de papel A4;
- caneta e lápis de escrever;
- gravador de voz;
- computador com o programa *Word* (transcrição das entrevistas).
- Impressora.

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada. Segundo Flick (2004, p. 106), “[...] este tipo de entrevista permite que questões mais ou menos abertas sejam levadas à situação de entrevista, na forma de um guia da entrevista”. A entrevista continha questões pertinentes ao tema e teve como propósito captar a autenticidade do teor das falas fornecidas pelos participantes.

Considerando-se que os conteúdos pudessem se apresentar de forma subjetiva ou objetiva, no momento da entrevista buscou-se captar todas as possíveis formas de expressão emitidas pelas informantes. Lançando-se um olhar sobre a pertinência dos sentidos das falas trazidas e levando-se em consideração inclusive os comportamentos latentes que emergiram durante a coleta. Procurou-se, ainda, compreender a dimensão dos encontros vivenciados pelas mulheres durante a separação, considerando as variáveis psicológicas, econômicas, sociais, históricas e culturais, que se refletem nesse momento.

### 3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE DA ENTREVISTA

Três das entrevistas ocorreram numa sala de atendimento no posto de saúde Bela Vista na região da grande Florianópolis, local selecionado pela pesquisadora para realizar a entrevista. O ambiente era uma sala reservada, bem ventilada e iluminada, composta por duas cadeiras e uma mesa grande, e que não sofreu interferência no momento da entrevista. Porém, devido a necessidade de uma das informantes, uma das entrevistas ocorreu na residência da própria entrevistada. Neste caso o ambiente onde transcorreu a entrevista, foi a sala de visitas, que se apresentava com boa iluminação e ventilação, não ocorrendo interferências externas no momento da aplicação do instrumento de coleta de dados. Antes de iniciar todas as entrevistas, a pesquisadora entregou uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido para cada uma das informantes e leu em voz alta o referido termo. Após esclarecer se houve compreensão quanto ao conteúdo exposto na leitura do termo, foi solicitada a assinatura e dados dos documentos de identificação de cada informante no referido termo de consentimento.

No momento seguinte iniciou-se a coleta dos dados de identificação das informantes e por fim a coleta de dados dos conteúdos a serem analisados. A conversação teve início sem que houvesse rigidez, quanto aos questionamentos aplicados por parte da entrevistadora. Tencionou-se assim, auxiliar para que houvesse fluidez e espontaneidade, procurando não confrontar a auto-preservação e respeitar as características pessoais de cada informante. Durante a entrevista não ocorreram sinais de desconforto emocionais, por parte das participantes. De modo geral, demonstraram compreender os questionamentos com clareza, sendo que foram raros os momentos em que a entrevistadora necessitou fazer complementações para esclarecimento das questões. No momento de cada entrevista encontravam-se no ambiente, apenas a pesquisadora e uma das entrevistadas.

Pretendendo assegurar a fidedignidade da pesquisa, a pesquisadora, buscou utilizar uma postura neutra no momento da entrevista, evitando-se que a sua ressonância pessoal, pudesse interferir nos resultados. Na aplicação da entrevista, a pesquisadora procurou ser hábil, pretendendo colher o máximo de informações válidas possíveis para a análise. E nesse sentido, investigar os enfrentamentos que

as mulheres experimentam ao se separem, exigiu da pesquisadora certa agilidade em auxiliar as informantes no empreendimento ao resgate das memórias de possíveis aspectos dolorosos e conflitivos, com os quais se depararam em suas vidas em um determinado período.

### 3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A pesquisa teve início a partir da consulta ao cadastro de atendimento a mulheres nos anos de 2008/2009, no qual se esperava constar o estado civil e o número de telefone. No entanto, ao consultar o cadastro da UBS, constatou-se que não constavam dados de registro civil da população atendida. Mediante ao exposto, buscou-se identificar formas de acesso as informantes, e desse modo averiguou-se que os agentes comunitários poderiam ter um acesso mais direto com esta população, uma vez que estão inseridos na comunidade e diretamente envolvidos no âmbito da saúde, com a equipe da UBS Bela Vista. Desse modo, procurou-se junto a coordenação do PSF, a lista contendo o número de telefone dos Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) pretendendo ter acesso as informantes. De posse do número de telefone das ACSs, entrou-se em contato com dez agentes, explicaram-se os motivos da entrevista, pontuando-se sobre alguns preceitos éticos sigilosos da pesquisa, sobre o perfil indicado das possíveis entrevistadas e a disponibilidade para ir até estas, caso fosse necessário. As ACSs após compreenderem os objetivos da entrevista, e as formas respeitadas de preservação e sigilo da identidade das mulheres a serem entrevistadas, se disponibilizaram a cooperar localizando e colhendo números de telefone de possíveis informantes. Ainda nesse momento, foi combinado que a pesquisadora entraria em contato após três dias, para que houvesse tempo hábil para que as ACSs coletassem os números de contato.

Transcorridos o prazo combinado, retomou-se o contado conforme acordado com as agentes, e desse modo foram selecionadas cinco mulheres com o referido perfil. Ao contactar com as possíveis entrevistadas, para efetivar o convite à participação na entrevista, foi explicitado o que propósito da entrevista serviria para a elaboração estudos acadêmicos e científicos, que suas identidades seriam preservadas e que a escolha de participar ou não da entrevista deveria ser

espontânea. As possíveis entrevistadas demonstraram compreender do que se tratava, e a condição ética da pesquisa, porém dentre as cinco, duas alegaram indisponibilidade de tempo, uma delas estava em processo de hemodiálise e, por fim, outras duas disponibilizaram-se a fornecer entrevista, mas afirmaram que devido aos horários de trabalho estavam inviabilizadas de irem á UBS Bela Vista. Desse modo, a pesquisadora disponibilizou-se encontrá-las em suas residências para a aplicação da entrevista e, assim foram coletados os dados de duas das entrevistadas. No entanto, no momento de uma das entrevistas, ocorreram interferências no ambiente durante o processo de coleta de dados e desse modo, optou-se por não considerar a validade de tal conteúdo para análise.

Outro caminho percorrido pela pesquisadora para obtenção de contato com possíveis entrevistadas foi perguntar a alguns membros da equipe de saúde da UBS, que moravam na comunidade Bela Vista, se conheciam mulheres com o referido perfil. E assim foram selecionadas mais três entrevistadas, totalizando assim, uma população de quatro mulheres. A pesquisa foi realizada obedecendo-se aos preceitos éticos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Sendo assim, foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Unisul.

Para a utilização do equipamento de gravação de voz, foi solicitado as entrevistadas, através de um termo de livre esclarecimento por escrito (Apêndice B), no qual constam suas assinaturas. A coleta de dados foi autorizada pelas participantes através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, no qual as entrevistadas foram esclarecidas por escrito sobre o objetivo da pesquisa.

Ocorreu um encontro com cada participante, os encontros tiveram duração de quarenta minutos à uma hora. Uma das entrevistas, devido à indisponibilidade de tempo da participante ocorreu no sábado, período da tarde em sua residência. Três das entrevistas foram aplicadas nas dependências do Posto de Saúde Bela Vista, no período da tarde. Portanto, ocorreram de acordo com a previsão feita pela pesquisadora.

### 3.6 PROCEDIMENTO DE SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE.

As entrevistas foram transcritas e os dados analisados à luz da Psicologia, sobretudo através da contribuição da perspectiva teórica Sistêmica, que consiste na observação dos padrões funcionais dos sistemas familiares, refletidos na relação conjugal.

Após a realização das gravações, os dados registrados foram repassados para o computador através de um gravador de voz, como forma de arquivar os documentos. O conteúdo foi transcrito de forma literal e posteriormente, analisado minuciosamente o seu teor, para serem correlacionados com a teoria, respeitando-se o sentido atribuído às questões, pelos sujeitos pesquisados.

A categorização foi feita a posteriori, através da análise categorial, que consistiu na atribuição de uma codificação referente ao “âmago do sentido” composto nas mensagens expressas pelos sujeitos pesquisados de forma mais ampla. Deste modo, para a organização realizou-se um recorte com base nas unidades de significação. As subcategorias foram elencadas, buscando-se a compreensão dos conteúdos expressos em correlação com as teorias pertinentes ao tema e em correspondência aos objetivos da pesquisa. A categorização constituiu-se num processo de tipo estruturalista que inclui duas etapas, a primeira refere-se ao inventário que consiste em isolar os elementos. E a segunda denominada classificação, que consiste em repartir os elementos, que devem seguir certa forma de organização do conteúdo que a mensagens fornecem (BARDIN, 1977 p.118). Esse conjunto de informações foi organizado por meio de um quadro geral de objetivos, categoria e subcategorias, elaborado pela autora, apresentado a seguir.

| OBJETIVOS ESPECIFICOS  | CATEGORIAS                                    | SUBCATEGORIAS   |
|--|---|---|
| <b>1° Objetivo Específico</b><br>Identificar o significado que mulheres atribuem ao relacionamento conjugal; | <b>1. Expectativa sobre o casamento</b>       | 1. Afetividade, parceria nos objetivos e projetos comuns.                   |
|  | <b>2. Fundamentos para a decisão de casar</b> | 2. Escolha não estruturada na experiência<br><hr/> 3. Escolha relacionada à |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  |  | <p>experiência anterior.</p> <hr/> <p>4. Aspectos financeiros incidem sobre a escolha.</p>  |
|  | <b>3. Realidade apreendida com o casamento</b> | <p>5. Isolamento social e familiar</p> <hr/> <p>6. Sacrifício/sofrimento.</p>   |
|  | <b>4. Motivos da ruptura</b>                   | <p>7. Cônjuge alcoolista.</p> <hr/> <p>8. Infidelidade</p> <hr/> <p>9. Ausência de companheirismo.</p> <hr/> <p>10. Ausência de desempenho da função paterna.</p> <hr/> <p>11. Insegurança do cônjuge.</p> <hr/> <p>12. Participação restrita na provisão</p> <hr/> <p>13. Interferência das famílias de origem</p> <hr/> <p>14. Incompatibilidade de valores</p> |
|  | <b>5. Limite da convivência conjugal</b>       | <p>15. Efetivação da separação</p>  |
| <p><b>2º Objetivo Específico</b></p> <p>Identificar as dificuldades que mulheres experimentam ao passar pelo processo de separação de seu cônjuge;</p> | <b>6. Dificuldades emocionais da separação</b> | <p>16. Sentimentos paradoxais de perda x alívio</p> <hr/> <p>17. Temor ao preconceito social.</p> <hr/> <p>18. Temor da quebra dos padrões familiares</p> <hr/> <p>19. Insegurança para estabelecer novas relações afetivas e sociais.</p> <hr/> <p>20. Reação dos filhos</p>   |
|  | <b>7. Reação do âmbito social</b>              | <p>21. Apoio</p> <hr/> <p>22. De surpresa e</p>   |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  |   | indagações  |
|  |   | 23. Suporte da família de origem                                      |
|  | <b>8. Estruturação das condições de vida</b>      | 24. De precariedade de finanças.                                      |
|  |   | 25. Condicionada ao suporte da creche                                 |
|  |   | 26. Nas dependências da família do ex-conjuge                         |
|  | <b>9. Relação com o ex-esposo</b>                 | 27. Administração das tentativas de controle do ex-esposo             |
|  |   | 28. Administração da negligência paterna                              |
|  |   | 29. Indiferença do ex-esposo em relação a família.                    |
| <b>3º Objetivo Específico</b>  | <b>10. Dinâmica pessoal feminina na separação</b> | 30. Manutenção de tarefas   |
| Identificar de que forma as mulheres agem mediante situações oriundas do processo de ruptura do relacionamento conjugal. |   | 31. Superação pela fé e afetividade materna                           |
|  |   | 32. Isolamento social   |
|  |   | 33. Intensificação de atividades e busca de apoio afetivo e estrutura |

Quadro 1 - Caracterização das Categorias e subcategorias.  
 Fonte: Elaboração da autora, 2009.

## 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 PERFIL DAS INFORMANTES DA PESQUISA

Pretendendo atender aos objetivos da pesquisa, foram pré-estabelecidos alguns requisitos sobre o perfil das informantes, como: estado civil, localização residencial, utilização do PSF da UBS Bela Vista em Palhoça.SC.

Contudo, considerou-se a importância de investigar os dados pessoais, objetivando configurar de forma mais clara e completa a condição das mulheres entrevistadas. Inicialmente foram identificadas as informações pessoais como nome fictício, a idade, profissão das entrevistadas, número de filho, o tipo de união, tempo de casamento, tempo de separação. Esses dados estão apresentados no Quadro 2 a seguir:

| INFORMANTES <sup>9</sup> | IDADE   | ATIVIDADE                   | N° DE FILHOS | TIPO DE UNIÃO           | TEMPO DE SEPARAÇÃO | TEMPO DE CASADA |
|--------------------------|---------|-----------------------------|--------------|-------------------------|--------------------|-----------------|
| Anita Garibaldi          | 41 anos | Auxiliar de produção        | 3 filhos     | União civil e religiosa | 10 meses           | 22 anos         |
| Maria da Penha           | 40 anos | Auxiliar de Serviços Gerais | 5 filhos     | União estável           | 3 anos             | 5 anos          |
| Chiquinha Gonzaga        | 35 anos | Cozinheira Profissional     | Não possui   | União civil e religiosa | 5 anos             | 6 anos          |
| Lady Diana               | 30 anos | Doméstica e artesã          | 2 filhos     | União estável           | 5 anos             | 5 anos          |

Quadro 2 – Caracterização das informantes.  
Fonte: Elaboração da autora, 2009.

O grau de escolaridade se configura do seguinte modo: uma informante possui o segundo grau completo, duas estão cursando atualmente o segundo grau e

<sup>9</sup> Foram utilizados nomes fictícios neste quadro de descrição das mulheres participantes. Os nomes aqui citados foram selecionados por se tratarem de mulheres que vivenciaram em momentos da história nacional e internacional, enfrentamentos ao romper sua relação matrimonial, sobre a condição de ser mulher e estar inserida em determinados contextos sociais, históricos e culturais. Contudo na escolha dos nomes das referidas personalidades, não foram caracterizadas as mesmas formas de enfrentamento das informantes.

uma estudou até a oitava série. Dentre as informantes, três tomaram a iniciativa para a separação, porém, no caso da informante Lady Diana, quem tomou a iniciativa foi o esposo. Outro fator a se considerar é que entre as informantes, apenas Chiquinha Gonzaga não possui filhos. As condições econômicas das informantes de forma geral se configuram como sendo de baixa renda. Ainda cabe ressaltar que todas elas residem na mesma comunidade.

Pretendendo refletir a realidade das informantes, as falas foram transcritas segundo a linguagem utilizada pelas entrevistadas no momento da coleta de dados. Ainda buscando atender aos preceitos éticos da pesquisa, sobre a preservação das identidades das entrevistadas, procurou-se descaracterizar os nomes dos ex-companheiros que aparecem no ínterim de algumas falas, bem como as localidades mencionadas em determinados momentos, dentre os dados.

## 4.2 ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos foram apresentados e analisados, por meio de dez categorias centrais, com suas respectivas subcategorias. As categorias são apresentadas na introdução de cada análise, com destaque, em **negrito e sublinhado**, já as subcategorias sucedem as categorias estão marcadas apenas com o sublinhado.

### 4.2.1 O sonho do casamento

No primeiro momento, selecionou-se o conjunto de dados a serem analisados, a partir das entrevistas, que são aqueles relativos ao conceito de casamento. Nesta categoria, pôde-se conhecer a concepção das informantes acerca do casamento, mesmo antes destas terem passado pela experiência de separação.

As entrevistadas mencionam as **expectativas sobre o casamento**. Desse modo foi elencada uma subcategoria, que se refere ao entendimento feminino sobre casamento, e que tem como preceito a afetividade, parceria nos objetivos e

projetos comuns. Dentre os dados que evidenciam tais afirmações, estão algumas falas trazidas pelas informantes, tais como:

“Bom, eu esperava era um casamento feliz. Era um marido carinhoso, um marido atencioso” (Anita Garibald).

“Bem, tirando assim, pelo meu pai e pela minha mãe... Casamento é companheirismo, é união, é duas pessoas trabalhando junto. A gente conquistando nosso espaço junto, comprar um terreno construir uma casa” (Lady Diana).

Pôde-se compreender a partir das falas, que as mulheres já possuíam um conceito pré-estabelecido do que seria a relação conjugal, que se basearam em aspectos do que deveria ser o casamento. É notável em suas falas que aspectos de idealizações sobre o matrimônio são norteados pelo amor, como sendo o agente motivador da manutenção do matrimônio e construídos por crenças e valores familiares acerca do casamento. Assim, as mulheres, abrangem expectativas de que no matrimônio poderiam encontrar formas de compartilhamento, completude e de respostas afetivas. Os anseios afetivos, abarcados pelas mulheres na compreensão do casamento, são trazidos à tona pela Teoria do Apego, que afirma que os seres humanos se empenharão na constante possibilidade de voltar a vivenciar vínculos afetivos, experienciados na infância. (BOWLBY, 1997 p.98).

No entanto, reportando-se à concepção de gênero pode-se averiguar que homens concebem o casamento como “instituição familiar” e as mulheres como “amor romântico”, como mencionam Magalhães 1993 e Féres-Carneiro (1995,1997 apud Féres-Carneiro (2003 p.369). Acrescendo a visão de Baggio, (1976) que afirma que, desde a infância os homens são estimulados a serem práticos e objetivos e as mulheres a serem sensíveis e afetuosas. Diante de tais afirmações, pode-se conjecturar que surjam diferenças relativas as formas de expressão desses aspectos na interação entre o casal. Diante das questões referentes ao gênero, pode-se desde já introduzir a idéia de que as mulheres participantes da pesquisa ingressam nos relacionamentos de modo pouco correspondente aos seus parceiros.

Observa-se que a maioria das informantes atribui às idealizações sobre a relação conjugal formas simbólicas de um sentido construído pela família, sociedade

e cultura, onde o casamento traz como pressuposto o ideal de “afetividade, doação e unificação”, entre o casal.

Os significados acima mencionados sobre a concepção feminina referente ao casamento podem impulsionar e influenciar as mulheres a aderirem ao casamento, sem maiores questionamento sobre que aspectos realmente deveriam ser considerados para a construção de uma relação conjugal saudável.

Assim, a segunda categoria permite a compreensão de como se dão as formas de decisão de vivenciar a união conjugal, que são apresentadas pelos **fundamentos para a decisão de casar**. Considerando que as escolhas fazem parte da vida das pessoas, buscou-se compreender também como as mulheres norteiam suas escolhas. Nesta categoria pôde-se constatar que a identidade feminina, é constituída com a ausência de saber-se como um sujeito de escolhas, dados que a remetem ao estabelecimento de co-dependência social feminina (AHRONS, 1995 p.104). Vejamos:

Evidenciaram-se três subcategorias, a primeira delas mostra: a escolha não estruturada na experiência. Vejamos nas falas das entrevistadas:

Porque a gente começou a namorar, quinze dias de namoro ele me pediu em casamento. Eu não vou dizer assim, ah eu era uma adolescente, não eu já tinha dezoito anos, então eu aceitei, mas foi assim, foi aquela loucura. Eu não cheguei a conhecer ele direito, ele não me conhecia direito. Não teve tempo de se conhecer. (Anita Garibaldi)

Diante desta fala, surgem indagações sobre as condições contextuais que impulsionam as escolhas, que de certo modo colidem com a possibilidade de um processo reflexivo acerca dos aspectos a serem considerados de forma cônica sobre suas opções. Pode-se supor que os fatores como: a ausência de uma interação mediada por um período de conhecimento entre ambas as partes, as idealizações individuais e as condições sociais antecipam de forma impulsiva o processo de escolhas, incidindo sobre a decisão de viver a relação matrimonial. De acordo com Muller (2005 p.16) “fazer escolhas demanda do sujeito capacidade de criar e implementar novos projetos e, também, o abandono de determinadas crenças e suportar a angústia decorrente das opções”. Tais afirmações demonstram que esse tipo de escolha exige um tempo para que se construa uma relação

interpessoal, onde possam, através das vivências provindas dessa interação, escolher de forma clara, estar numa relação de maior comprometimento, ou não.

De modo contrário, a escolha relacionada à experiência anterior, também se fez presente. Nesta categoria, aspectos vivenciados em outros relacionamentos, puderam ser vistas exercendo fortes influências sobre o modo como se deu a escolha do novo relacionamento, como pôde ser visto na fala a seguir,

[...] eu fiquei viúva. [...] mas o meu primeiro casamento, assim... Meu Deus foi maravilha! Ele era tipo um pai pra mim. Mas o segundo já... Meu Deus! (Maria da Penha).

O ser humano tende a reeditar nas novas relações as experiências emocionais provinda de relacionamentos vivenciados anteriormente e considerados significativos, tais como: a família de origem, o primeiro casamento e do processo de separação (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p. 349) Desse modo, pode-se conjecturar que a perda ocasionada com a morte, possa também incidir sobre a nova relação. As representações demonstradas nos possibilitam averiguar que a busca de reedição de vínculos afetivos, rompidos com a viuvez poderá imergir, em forma de idealizações refletidas pelos sujeitos dessas vivências. Envolvem-se assim, num emaranhado de projeções pessoais de quem necessita restabelecer os afetos, com um novo vínculo conjugal. Neste caso, é possível perceber que de acordo com a subcategoria anterior, a decisão de união não foi amplamente refletida.

Os aspectos financeiros incidem sobre a escolha do cônjuge. Assim, nesta categoria pode-se presumir que a ausência de condições favoráveis, interfere sobre as variáveis opcionais de uma escolha e nos aspectos autônomos. Essas condições são mencionadas na fala da informante: “[...] Não foi um casamento por amor. [...] Minha casa era uma dificuldade, minha mãe era viúva, então a gente passava muita dificuldade na minha casa, então daí vou casar.” (Anita Garibaldi).

Dependência financeira e casamento entre casais muito jovens, tendem a transformar-se em grandes complicadores da relação conjugal (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 203). Desta maneira pode-se conjecturar, mais uma vez, que a escolha de casar, não ocorre de forma autônoma. Tais aspectos poderão ressoar para as mulheres como uma opção “*sinequanon*” de sobrevivência.

Neste ponto da análise, surgem questionamentos acerca do início do processo de separação. Será que a separação tem início a partir do momento em que um dos membros do casal ou ambos começam a vivenciar conflituosos sentimentos na interação com o outro? Os enfrentamentos da separação se iniciam diante das dificuldades e conflitos femininos na relação conjugal? Considerando que o contexto do casamento e o da separação se diferem, nesta pesquisa optou-se por abordar os enfrentamentos da separação, a partir da ocasião em que um dos integrantes do casal parte para efetivar a ruptura.

As condições em que as mulheres passam a interagir com o cônjuge, experimentando a situação real do casamento, muitas vezes emergem como paradoxal as suas expectativas, podendo ser compreendidas na categoria **realidade apreendida com o casamento**, na qual a subcategoria **isolamento social e familiar** emerge como um contraponto aos anseios femininos, num tipo de choque de realidade. É o que se pode perceber nas palavras da informante:

[...] Porque em São Paulo, eu tinha muitos amigos, eu tinha a minha família, eu vivia cercada de gente. [...] casamos eu fui morar em Curitiba, onde eu não conhecia ninguém, aonde eu não tinha parente, aonde era só a família dele. (Anita Garibaldi).

A esfera interacional é enfatizada como um dos aspectos importantes na vida das mulheres, uma vez que a construção da identidade feminina está diretamente atrelada ao âmbito social pela condição relacional. Deste modo, pode-se antecipar que ocorram divergências entre a situação imaginária e a realidade vivenciada no casamento. A este respeito Carter e MacGoldrick (1995) afirmam que a via relacional é parte da identidade das mulheres.

Segundo Rubin e Pogrebin, (1985/1987 apud CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p.57) “a amizade se constitui um recurso extremamente importante para as mulheres durante toda a vida”. Mediante tais afirmações, é possível concluir que áreas de conflito podem ser instauradas, quando estas interações são rompidas, pelas circunstâncias no casamento.

As vivências reais do casamento nas falas das entrevistadas, refletem o antagonismo entre **sacrifício/sofrimento** e os mitos sobre o casamento, que possuem como pressuposto o ideal de felicidade e completude. Vejamos: “[...] Na minha

situação foi sacrifício. [...] Porque o casamento pra mim, não me trouxe alegria, me trouxe sofrimento. Sacrifício e sofrimento.” (Chiquinha Gonzaga).

As mulheres entrevistadas, em certa medida, começam a se questionar sobre o sentido real da relação conjugal, porém o fazem, atribuindo estritamente ao passo em que se dá a frustração. Desse modo, não abrangem questionamentos aos mitos implantados por sistemas maiores, como o contexto social e cultural pelo qual foram afetadas e onde estão inseridas. É imperativo observar ainda que, na medida em que as mulheres agregaram tarefas, entre as demandas do sistema familiar e da vida profissional, tais condições promovem uma sobrecarga aos seus recursos pessoais, uma vez que se esmeram em contemplar as necessidades de todos, menos as próprias. Põe-se assim em constante sacrifício em nome de outros, ausentando-se de suas realizações pessoais (SOCORRO et al, 2007, p. 09). Contudo, aceitação de um padrão altruísta, não aparece nas falas mencionadas pelas informantes, considerando que elas percebendo-se intensamente sacrificadas, partiram para a ruptura. Cabe aqui então questionar até que ponto as mulheres do cenário atual, suportam tais sacrifícios.

Considerando que os motivos mencionados para a ruptura, estão diretamente envolvidos pela concepção feminina sobre casamento, faz-se necessário ponderar que tais aspectos podem ser correlacionados ao significado que atribuem à relação conjugal. Assim, optou-se por abordar as questões de ruptura, focando a maneira que as mulheres vislumbram o casamento.

Ao mapear os **motivos da ruptura conjugal**, deparamo-nos com aspectos subjetivos exteriorizados pelas identidades individuais de ambos os parceiros no processo de interação casal. Na fala da informante, pode-se ver a motivação relativa ao cônjuge alcoolista, abaixo descrita:

[...] Ele bebia, tinha várias amantes, então, foi quando começou assim que, não era aquilo que eu esperava. Né. [...] A bebida, claro que eu não gostava, porque eu já tinha o meu pai e tinha dentro de casa a bebida, então claro que a bebida me incomodava muito. Muito mesmo. (Anita Garibaldi).

O alcoolismo é condição “corrosiva”, sobre o desempenho dos papéis conjugais. De acordo com Carter e MacGoldrick (1995 p.425) na relação conjugal o membro alcoolista tende a não assumir suas funções, colocando seu companheiro

(a) em estado de sobrecarga, assim pode-se conjecturar inclusive que, mediante aos aspectos estressores, o casal encontre dificuldades de alcançar soluções plausíveis para a manutenção de uma relação saudável.

Pode-se perceber que a informante menciona, ter tido a experiência de conviver com um pai e posteriormente um esposo alcoolista. A esse respeito, detecta-se que fatores como a procura pela identificação de um padrão funcional familiar, não ocorre por acaso, elas são compulsões à repetição da satisfação de necessidades pessoais e buscam a reedição de situações ou vínculos de forma consciente ou inconsciente, pretendendo aliviar a tensão instaurada por conflitos estruturados na infância (SCRIBEL; SANA; DI BENEDETTO, 2007, p. 05).

Já, quando as mulheres necessitam lidar com aspectos de insegurança do cônjuge, elas experimentam sentimentos ainda mais angustiantes em relação à conjugalidade, fato que se pode constatar nas mensagens expressas, por elas.

[...] Então, eu acho assim, que foi muito ciúme. [...] Demais. (Anita Garibaldi)

[...] No começo foi tudo muito bom, depois que veio a luta, por que ele tinha muito ciúme. O ciúme foi demais, ele tinha ciúme até do meu filho mais velho. [...] ele pegava no meu pé. (Maria da penha).

As situações de ciúme parecem ser percebidas pelas mulheres como abusivas e sufocantes. Porém, esse aspecto, pode refletir várias situações que o fazem emergir, sendo difícil localizar exatamente quem o projeta na relação. O ciúme pode emergir como uma característica de quem o experimenta, ou ainda, pela rejeição do outro em contemplar as expectativas afetivas do companheiro, que demonstram insegurança. Portanto, há que se considerar, em qualquer tempo, ele irá aparecer como um dado que configura assimetria na interação entre o casal.

A condição monogâmica é uma característica de nossa cultura. Desse modo se um dos cônjuges se envolve em uma segunda relação sexual e/ou afetiva paralela ao casamento, conflitos ainda maiores podem surgir, tal situação pode ser vista na subcategoria infidelidade como um motivo para a ruptura. De acordo com as menções entrevistadas:

[...] No caso houve também, outro motivo, no caso traição, né. Então quando tu descobre, é uma coisa que não dá mais pra conviver com a mesma pessoa, pra mim pelo menos... Eu sou uma pessoa que joga na

cara direto, eu não vou conseguir olhar mais pra cara do sujeito... (Lady Diana).

A este respeito, as mulheres em suas relações buscam a exclusividade de vínculo conjugal e as contradições a esta postura monogâmica, são percebidas como traição e desonra. Se sujeitadas a esse tipo de situação, as mulheres tendem a apresentar divergências irreconciliáveis no âmbito relacional. Os sentimentos femininos são aviltados e seu companheiro poderá ser percebido, como um ser insensível, indigno de seu respeito e afeto. O casal que se encontra exposto à situação de infidelidade, dificilmente encontrará um ponto neutro, para dirimir e dialogar sobre tais questões (AHRONS, 1995, p.131), e a ruptura é o resultado.

Porém, numa postura mais avaliativa da deslealdade entre o casal, pôde-se entender dentre as conseqüências do uso de álcool, que: “um problema comum apresentado pelos casais que buscam tratamento é a infidelidade” (CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p. 424). Deste modo, pode-se conjecturar que não há consciência de responsabilidades nos papéis a serem desenvolvidos e desempenhados na relação conjugal, e em não haver as questões de fidelidade serão solapadas.

A ausência de companherismo, também é relatada como razão para a ruptura do relacionamento conjugal. Segundo verbalizado por uma das entrevistadas: “[...] Eu assim, eu não tinha um marido, eu tinha um homem dentro de casa. Marido mesmo, que saísse comigo, que tivesse do meu lado na hora que precisasse, assim não. Aquele companheiro eu não tinha” (Anita Garibaldi).

As entrevistadas demonstram inconformidades e parecem reclamar por uma relação na qual possam sentir-se incluídas, em que o casal interaja de forma participativa na manutenção de apoio, de intimidade e de cumplicidade no casamento. Quando a ausência de tais aspectos implica na não interação, acaba por dificultar a comunicação e a afeição entre ambos, condições consideradas de suma importância para a manutenção relacional por parte das mulheres. Os anseios femininos se baseiam em paradigmas antigos sobre casamento. Contudo, o modelo atual de conjugalidade está se tornando cada vez mais incoerente com essas expectativas, pois as pessoas estão mais propensas a empreender mudanças e a buscar realizações imediatas e individuais (ROUDINESCO, 2003, p.19). Considerando que para a manutenção do casamento, há que haver uma interação

mediada por desejos comuns entre o casal (FÉRES-CARNEIRO, 2003). As condições mencionadas possibilitam imaginar que as mulheres possam deparar-se com aspirações paradoxais em relação aos anseios de seus companheiros, estando assim, em suas relações, sujeitas a crises e instabilidades.

Ausência de desempenho da função paterna também desencadeia fatores deficitários profundos no desenvolvimento da relação conjugal, dentre eles pode-se mencionar vários aspectos que afetam o desenvolvimento dos filhos. A partir das falas das informantes, pode-se compreender melhor essa realidade: “[...] Ele era muito ausente. Até mesmo, um pai ausente. Como é até agora. É um pai muito ausente” (Anita Garibaldi).

A respeito disto, a sociedade cobra das mulheres a responsabilidade pelos cuidados e criação dos filhos e as conseqüência do processo de desenvolvimento, também são imputadas as mulheres. (CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p.44). Há uma crença arraigada sobre atribuir às mulheres a condição de expandir afetividade e atenção aos filhos, aos esposos e aos idosos. Contudo, esse fato pode ser entendido como uma mudança no cenário. Percebe-se que a falta de participação do pai na criação dos filhos, resulta em ressentimentos femininos, que enquanto mães necessitam validar a importância do amor materno e paterno, através da dedicação e externalização dos afetos em relação a seus filhos. Portanto, quando o pai não contribui, nem ao menos com sua presença no lar, esse fato poderá ser percebido como um descaso para com a possibilidade afetiva, inclusive na relação como um todo, e assim emergem questionamentos impensáveis em momentos anteriores na história da conjugalidade.

A participação restrita na provisão por parte do homem é uma condição bastante nova, não muito aceita pela sociedade e principalmente pelas mulheres. Tais questões são mencionadas pelas informantes, da seguinte maneira:

Ele trabalhava e ganhava pouco, trabalhava uma noite e folgava duas. Eu trabalhava de manhã e de tarde fazia o serviço da casa e de noite eu estudava. Então aquilo dali pra mim ficou muito carregado. [...] eu achei assim que eu tava sendo escrava dele. Não fazia nada dentro de casa, não me ajudava em nada, ele se encostou em mim. ( Maria da Penha).

[...] Eu queria trabalhar construir uma casa e ele queria morar dentro de um carro. [...] Então na minha visão de não começar mais dar certo, foi isso é de eu trabalhando e ele jogando dinheiro fora. [...] Eu trabalhando toda vida. Ai chegou um ponto que não dava mais. (Lady Diana).

Tais ocorrências podem ser relacionadas as alterações advindas nas questões de gênero e possibilitadas pela inserção das mulheres no mercado de trabalho. Desse modo, o poder patriarcal que, por longos anos atribuiu-se ao homem à responsabilidade financeira de prover a família, atualmente mostra-se confuso e contraditório tanto para as mulheres, quanto para os homens. A mulher passa a participar ativamente na relação conjugal, ao contribuir com sua força de trabalho fora do lar e, por conseguinte na renda familiar (JABLONSKI, 1998, p. 150). “Direitos e deveres, são questionados e acarretam transformações que demandam novas formas de organização da relação conjugal, referente aos desempenhos de papéis” (PORRECA, 2005, p. 21).

A este respeito, pode-se conjecturar que as mulheres apresentem uma postura hiperativa, e os homens são chamados à cooperar de diversas maneiras nas atribuições de seu papel na manutenção da família. Os papéis conjugais estão confusos, e variam entre a concepção moderna e pós-moderna de casamento.

A interferência das famílias de origem, também é mencionada pelas informantes como pontos de obstruções da relação casal.

A minha família, não gostava muito dele. Então, eles ajudaram a me separar. Se metiam muito na nossa vida. [...] Só que aquilo dali, foi ruim no meu casamento. [...] eu conheci ele, ele já tinha quarenta anos e ainda morava com a mãe. [...] ele foi muito protegido pela mãe. [...] eu acho que o que estragou mais o nosso casamento, foi isso. (Maria da Penha).

[...] Ele entrou na auto-escola com o apoio da irmã dele. Aí, todo mundo passa a mão na cabeça. (Lady Diana).

A esse respeito, atualmente constata-se também, uma evolução nas expectativas das famílias de origem do casal, sobre os modelos de relações conjugais, de modo que os casais das diferentes instituições familiares estão sendo menos pressionados a manter o referido padrão (CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p. 203).

Contudo, as autoras reconhecem que, quando a modificação do padrão emerge, acaba por gerar no sistema familiar e conjugal tensão e instabilidade, com possibilidades de adaptação. Porém, quando a relação casal encontra-se em crise, a interferência familiar, poderá resultar no ponto culminante, que contribuirá para a ruptura.

Dentre os motivos percebidos pelas informantes, como importante fator a influenciar a ruptura de seu relacionamento conjugal, encontra-se a incompatibilidade de valores, entre as partes constituintes, abaixo relatados:

[...] E ele era uma pessoa assim, que não tinha limites. Comprava e não pagava. Não se preocupava se faltasse um copo de café, um pedaço de pão em casa. [...] Então o que me fez desgosta do casamento foi isso. [...] Porque a família dele é acostumada com isso. A comprar não paga. [...] Então eles eram assim. A minha educação não era essa. (Chiquinha Gonzaga).

Cada família estabelece um padrão sobre sua forma de funcionar, com os seus componentes. Este padrão reflete crenças, valores, comportamentos assemelhando-se na caracterização individual de seus membros (César-Ferreira, 2004, p. 180). Deste modo, considerando-se que os sistemas familiares estão estruturados de diversas e diferentes formas, é possível concluir que tais diferenças possam aparecer perante a relação de um casal, muitas vezes de maneira incompatível e conflitante e caso o casal não encontre formas de reconciliação entre elas, o rompimento é o que emerge como solução.

Identificou-se neste capítulo, que o significado que as mulheres pesquisadas atribuem ao relacionamento conjugal, possui como base o sentido que a família e a cultura repassam a elas sobre o casamento. No entanto, os desejos de reviver emoções afetivas da infância e a construção cultural sobre casamentos com base no amor, se tornam referências que inspiram as mulheres a conceberem o casamento como possibilidade afetiva. Assim, pode-se afirmar que se apropriam dos sentidos construídos no âmbito social, sobre a relação conjugal.

Contudo, a noção cultural sobre gênero, também poderá influenciar as percepções masculinas e femininas acerca dos conceitos e expectativas do casamento, construindo especificidades entre homens e mulheres, que se refletem nas formas de manifestação afetiva e sobre concepções da relação conjugal.

Com relação aos fundamentos para a decisão de casarem, foi possível averiguar que todos os aspectos mencionados como motivos para casarem-se e posteriormente para romper suas relações conjugais, estão diretamente ligados ao fato de as mulheres não se perceberem como pessoas que possuem opções de escolha e de direcionamento para sua própria vida. Assim, atribuem ao parceiro e ao casamento, a responsabilidades pelos danos causados pelo não atendimento de

suas necessidades emergentes, mediante a frustração de suas expectativas projetadas para a relação. Deste modo, continuarão “girando” em torno do outro, podendo até mesmo, manter um padrão vitimizado, o que torna possível que entrem novamente em situações relacionais, sem atenderem-se a uma criticidade necessária para a construção de sua própria autonomia.

A este respeito os autores Roudinesco (2003), Carter e MacGoldrick (1995) e Jablonski (1998) afirmam que toda a estruturação da condição feminina construída no social, levam-na a esse modo de operar em suas vidas. Contudo, as autoras, elencam um cenário de novas possibilidades para as mulheres. Assim, o desafio posto é de que a mulher seja responsável por suas escolhas, identificando sua condição de estarem sujeitas a sistemas maiores que elas.

Ainda que, o cenário social esteja propício à adequação de uma nova realidade conjugal, as mulheres demonstram não possuir clareza, quanto às posições assumidas em experiências passadas e a serem adotadas em novas vivências. Assim, pode-se perceber a importância das mulheres se conhecerem melhor, tendo em vista, sobretudo, que isto poderá servir como suporte para entender os enfrentamentos de uma possível separação.

As mulheres entrevistadas, em certa medida, começaram a se questionar sobre o sentido real da relação conjugal, porém o fizeram, atribuindo estritamente ao passo em que ocorreu a frustração de suas expectativas sobre o casamento. Desse modo, não abrangem questionamentos aos dogmas implantados por sistemas, como o contexto social e cultural a respeito da conjugalidade e de sua condição enquanto mulher, dentro dela.

É imperativo observar ainda, que na medida em que as mulheres agregaram tarefas, entre as demandas do sistema familiar e da vida profissional, tais condições promovem uma sobrecarga aos seus recursos pessoais, uma vez que se esmeram-se em contemplar as necessidades de todos e dificilmente agem em detrimento delas próprias, pondo-se assim em constante sacrifício em nome de outros e ausentando-se de suas realizações pessoais (SOCORRO et al, 2007, p.09). Contudo, a aceitação de um padrão altruísta, revela seus limites, considerando que elas ao perceberem-se sacrificadas, partiram para a ruptura.

Pode-se concluir que o significado feminino sobre casamento baseie-se em idealizações sobre o casamento, que incide sobre a decisão de casarem-se e por fim, que influencia no modo como vivenciam as dificuldades da relação conjugal.

Diante disso, opta-se pela análise dos enfrentamentos da separação, a partir da cisão da união conjugal, sem considerar de forma direta, os aspectos conflitivos vivenciados enquanto casal.

#### 4.2.2 Os sofrimentos da separação.

Sobre os sofrimentos da separação, a investigação se deu contemplando a abordagem direta dos fatores considerados pelas mulheres como dificuldades que surgem no processo de cisão de suas relações conjugais. Deste modo, a primeira categoria a emergir refere-se ao **limite da convivência conjugal**, em que um dos membros da relação, parte para a **efetivação da separação**. Assim, pôde-se averiguar nos relatos trazidos pelas informantes, descritos abaixo, que em um dado momento os conflitos relacionais saturam as condições de continuidade da relação conjugal.

[...] Quem quis a separação fui eu. [...] quando eu descobri que eu podia trabalhar, que eu podia viver, que eu podia sustentar, que eu podia lutar, aí eu pedi a separação, daí eu criei forças, aí eu sabia que eu podia fazer que eu tinha capacidade. (Anita Garibaldi)

[...] Então, eu cheguei em casa e disse pra ele: 'toma uma decisão na tua vida, por que se tu não muda, tu vai embora e eu vou ficar em casa com as crianças'. Ele pegou e foi embora. (Maria da Penha).

O rompimento de relações conjugais não se revela uma tarefa fácil para as mulheres. Contudo, diante de uma situação em que elas e suas relações conjugais encontram-se agonizantes, o movimento de sobrevivência emitido por elas, é de romper o relacionamento do casal. Aparentemente a mulher vivencia mais intensamente o casamento, devido aos estímulos que recebe em sua criação para tecer relacionamentos, revelando-se um pouco mais sensibilizadas ao que acontece no processo relacional do que os homens.

Observa-se, que de forma sutil e subjetiva a mulher tenta vários recursos, cujo objetivo é a manutenção do casamento, porém quando seus limites são extrapolados, ela tende a agir para concretizar a ruptura. A este respeito, Féres-Carneiro (2003), assegura que homens e mulheres divergem quanto às formas de atravessar a ruptura conjugal e pela restauração de suas dimensões individuais.

Menciona ainda, que é comum as mulheres iniciarem o processo de dissolução da relação e que a decisão pode ser tomada por ambos, frente à impossibilidade do alcance da realização pessoal de ambos.

Partindo da compreensão da cisão conjugal, passa-se agora aos desdobramentos do processo de separação. As informantes mencionam as **dificuldades emocionais da separação**. Nesta categoria poderá ser visto que além do campo subjetivo das mulheres, são consideradas também as esferas filiais, da família de origem e das interações sociais (CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p. 329).

As entrevistadas, inicialmente, diante da separação física, experimentam conflitos ambíguos que se dão na esfera emocional, deste modo, apresentam como subcategoria sentimentos paradoxais de perda x alívio, relatados nas informações fornecidas por elas:

[...] eu acho que a maior dificuldade, assim é a solidão, é de não ter ninguém. No começo eu fiquei muito triste. [...] Foi tanta mágoa, tanta mágoa, tanta mágoa, que nem um carinho por ele. (Anita Garibald)

[...] Mesmo com o vazio, eu fiquei mais feliz, porque eu tava sentindo liberdade, eu tava sofrendo mais com ele. (Maria da Penha).

Há uma concordância entre teóricos da área: não existe a possibilidade da ruptura conjugal ser indolor (CARTER; MACGOLDRICK, 1995; KASLOW E SCHUARTZ, 1995). Ocorre um borbulhar de emoções paradoxais mediante a conclusão sobre a impossibilidade de auto-realização e da cisão da relação conjugal. As mulheres adentram nesta hora, no circuito da ambigüidade das emoções, que culminam numa condição conflituosa, que dificulta a reestruturação de sua identidade individual.

Contudo, apesar do vácuo sentido nessa ocasião, trazido pela a sensação de perda, ao romperem a relação as mulheres têm como conforto as sensações de liberdade e alívio (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p. 295). Diante das falas das entrevistadas, pode-se conjecturar que na base dessas sensações, estejam alguns fatores como: anseios íntimos de coligação gerados pela compulsão do encontro afetivo, em contraposição ao acúmulo de funções desempenhadas no casamento e pela restrição da dinâmica de expressão pessoal que são delimitados por padrões pré-estabelecidos pela sociedade, cultura e história sobre a posição feminina na relação conjugal. A este respeito, Féres-Carneiro (2003) menciona que homens e

mulheres diferem na forma de sentir a ruptura da relação conjugal, afirmando que para os homens esses sentimentos aparecem como incapacidade para a manutenção da instituição familiar e para as mulheres como rancor e sensação de estarem sós e desamparadas.

Outros sentimentos surgem, quando as mulheres direcionam o olhar a esfera social, no momento da ruptura conjugal, dentre eles, são mencionados pelas entrevistadas a subcategoria temor ao preconceito social.

[...] Porque assim sabe: “pô, mulher separada”, porque vem tudo na tua mente. Eu me senti perdida, com várias coisas pra pensar, “pô, agora eu tô separada as pessoas vão ficar falando”. [...] Preconceito na família apareceu muito: “ah, porque tu é separada, porque tu não pode sair de casa, porque tu é separada e tu não pode arrumar outro, porque já tais separada e o cara vai querer avacalhar contigo”. [...] A vida não acabou. É toca a bola pra frente e cuidar dos meus filho e pronto. (Lady Diana).

A sociedade delimita a condição feminina desde seu nascimento. Desse modo o interdito é pressentido pelas mulheres e refletido pela sociedade no termo denominado preconceito. Este se refere à visão antecipada do que deveria ser certo ou errado, um sentido imputado pela relação causa-efeito, sem tecer considerações ao âmbito subjetivo do sujeito e a realidade em que se dão as experiências. Sendo assim, sempre haverá um culpado e uma vítima. Por longos anos, as mulheres estavam sujeitas pela sociedade a manterem-se sob o estigma: “até que a morte nos separe”, mas há que se citar, que a morte aqui mencionada, refere-se ao fim da vida. Contudo, quando as mulheres decidem pela ruptura, de algum modo estão ansiando por viver a vida.

Assim, diante da possibilidade de rejeição social, acabam por experimentar uma sensação dúbia de temor, que evidencia a necessidade de aceitação e de aprovação da sociedade, ao mesmo tempo em que necessitam e pensam em intensificar o contato social de forma mais livre, revigorando suas amizades. A adaptação social é uma significativa modificação para as pessoas que se separam com filhos, as mulheres estarão voltadas à procura da obtenção de uma ajuda para a superação das complicações da separação e recuperação da autoconfiança, que se tornam possíveis, através da via relacional das amizades (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p.332).

Outro âmbito relacional, considerado de suma importância para as mulheres na ocasião da separação, é o grupo familiar. A este respeito, as informantes asseguraram que uma das dificuldades que emerge nesta hora é o temor da quebra dos padrões familiares.

[...] Porque eu pensava assim, será que o pai vai aceitar? Eu sempre tinha esse medo. [...] será que o pai não vai falar nada. [...] porque na minha casa, sempre foi assim: 'casamento é pra vida toda', 'casou tem que ser feliz'. (Chiquinha Gonzaga).

Na ocasião da separação, a família torna-se uma grande fonte de suporte emocional. Contudo, enquanto um sistema se organiza em torno de seus conceitos, valores e crenças, a quebra deste padrão de organização pode sinalizar complicações ainda maiores, no âmbito emocional da mulher que se separa. As mulheres possuem internalizados os conceitos de sua família de origem, acerca da separação. No momento da ruptura conjugal, a visão que as famílias possuem sobre da separação, aparecem como um dado importante a ser considerado.

As famílias que possuem restrições ao divórcio, poderão sentir-se absorvidas pela possibilidade de serem mal vistas pela sociedade, como pessoas indignas de respeito (KASLOW; SCHWARTZ, 1995, p. 261). Deste modo, este fato poderá desencadear mais uma questão a ser enfrentada pelas mulheres no momento da separação, em suas possíveis novas relações. Como pode ser visto na próxima categoria, insegurança para estabelecer novas relações afetivas e sociais, é um dado que surge em meios às dificuldades emocionais mencionadas pelas informantes, como medo de outro envolvimento afetivo frustrante. Foi o que a pesquisadora percebeu nas seguintes falas das informantes:

[...] Um dia que aparecer outro, se for uma pessoa boa, analisando muito antes. [...] Só que dá aquele medo. [...] eu não tenho amigos frequentantes da minha casa, porque eu tenho os filhos. (Lady Diana).

[...] Relacionamento até tive, mas foi coisa assim que não durou, não valeu a pena. Hoje em dia eu penso que pra ter, vai ter que ser uma coisa muito especial, se não, não vai rolar. E ta difícil, porque os homens hoje em dia...eles não querem nada. (Anita Garibaldi).

A este respeito, pôde-se supor que as mulheres, ao passarem por tantas complicações relacionais, tornam-se receosas e seletivas. Contudo, ao mesmo

tempo em que, esta nova postura se configura num ponto de dificuldade para o momento da ruptura, pode ser um indicativo de maior criticidade por parte das mulheres com relação ao que querem em suas novas relações. Situação que pôde ser vista no capítulo anterior.

Ao buscar compreender os aspectos emocionais vivenciados pelas informantes, constatou-se como dificuldade a reação dos filhos no processo de ruptura conjugal. Revelados nesta pesquisa da seguinte maneira:

[...] Porque a gente vê os filho sofrendo também, né. Foi muito difícil, porque elas são muito apegada a ele. [...] Mas até hoje assim eu sofro, por causa delas. [...] porque eu tenho pena. [...] A mais velha das filhas dele, ela ficou meio revoltadinha. [...] Eu acho que foi por causa da nossa separação mesmo. (Maria da Penha).

Ao romper a relação conjugal, a mulher experimenta também os sentimentos vivenciados pelos filhos, com a saída e ausência do pai na casa. Tais fatores emergem de uma complexidade provinda de emoções infantis, limitadas à compreensão da forma afetiva da criança e envoltas por aspectos afetivos e subjetivos da mãe em torno dos laços maternos. Desse modo, para além das próprias demandas emocionais provindas da ruptura da relação conjugal, as mulheres são acrescidas pela ressonância dos filhos, que reagem de diversas maneiras em tais circunstâncias. As mulheres/mães ao perceberem o sofrimento, a revolta e o posicionamento dos filhos, são envolvidas pelos laços maternos e agregam tais sentimentos, à sua própria dor; numa espécie de simbiose, que pode ocorrer paralelamente a um sentimento de culpa. Nesse sentido, Carter e MacGoldrick, (1995, p. 44), afirmam que as mulheres são culpabilizadas pela sociedade, quando algo dá errado em relação aos filhos. A relação com a sociedade mais ampla poderá ser vista na categoria a seguir.

A categoria reação do âmbito social é retratada pelas entrevistadas como sendo parte importante a ser considerada em suas vidas, no momento da ruptura conjugal. Na separação, as mulheres, na busca de superar o vazio deixado pela cisão do casamento, procuram revitalizar suas amizades e formar outras novas dentro na comunidade. A recuperação em relação à ruptura relacional é agilizada, quando há maior interação social (HETHERINGTON, 1977 apud CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p.295).

O apoio social aparece entre as falas das informantes, na forma de legitimação e correspondência aos sentimentos vividos por elas, no momento da ruptura. “[...] Olha todas... a maioria me apoiaram. [...] Os nossos amigos em comum ficaram triste. [...] porque a gente tava ali junto” (Anita Garibaldi).

É possível constatar que as mulheres necessitam o reconhecimento de suas dificuldades emocionais no momento da ruptura conjugal, pela esfera social. Fato que pode se evidenciar pela importância que elas atribuem às relações. Desse modo, seus sentimentos de perda são legitimados socialmente, podendo, se sentirem acolhidas e não excluídas por parte das pessoas com as quais manteve um contato mais próximo. Sendo possível constatar, que sem a convivência conjugal, a rede de relações que estava atrelada ao casamento, pode ser considerada, ainda que de forma limitada, como uma fonte de apoio. De acordo com Kaslow e Schwartz (1995, p. 266), a amizade é uma fonte significativa de apoio no momento da separação, que pode fornecer e abonar a aceitação e a importância da presença da pessoa separada, e auxiliá-la na dissolução dos acentuados sentimentos de solidão. Há que se considerar também, que as mulheres, em face de ter que dar conta das demandas de enfrentamentos oriundas da separação, dispõem de pouco tempo para instituir novas interações no âmbito social (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p. 327).

As reações de surpresa e indagações do meio social no qual estão inseridas, diante do anúncio de separação, também são mencionadas pelas entrevistadas da seguinte maneira:

[...] Eles acharam que a gente vivia bem, fazia um casal perfeito... Na separação se surpreenderam. (Anita Garibaldi).

[...] Os amigos, a maioria chegava pra mim e diziam assim: ‘mas como que pode? Ele parece uma pessoa tão boa. Não deu certo o casamento de vocês?’ (Maria da Penha).

Numa análise preliminar, pode-se constatar que a reação de surpresa que emerge do meio social, já vem acompanhada de certo juízo de valor a respeito da situação conjugal e de sua ruptura. Percebe-se que as reações emitidas de súbito, supõem a busca de explicações para a tentativa de compreensão de quem é o causador e quem é a vítima na situação da separação. As mulheres contribuem para esta visão, na medida em que vivenciam dificuldade, mas perante a sociedade

apresentam uma postura discreta e silenciosa a este respeito. Contudo, ao defrontar-se com os questionamentos sociais a respeito de atitude para a ruptura, emerge como dificuldade o temor à imputação da culpa por parte da sociedade, ao mesmo tempo em que elas poderão pôr-se na busca de respostas a essas questões. De acordo com Ahrons (1995, p.55), a representação que a sociedade possui sobre o divórcio é uma impressão ruínosa, que desqualifica os envolvidos nele.

O suporte da família de origem no momento da ruptura conjugal é relatado, como sendo de suma importância para a reestruturação da identidade individual das mulheres. A este respeito as informante afirmam:

[...] Aí, o meu irmão chegou e perguntou o que aconteceu. Ai eu disse: Nada. Eu mandei o João embora. [...] Ele me abraçou e disse 'olha minha filha, Deus que te abençoe, daqui pra frente tu vai começar a tua vida, agora tu vai viver'. [...] Todos eles me apoiaram. (Chiquinha Gonzaga).

[...] Daí o meu pai e o meu irmão, foram lá me buscar. Porque disseram: 'Não. Tu tem casa, tu tem pai e tu tem família, então tu vai pra casa'. (Lady Diana)

Nesse momento crucial, o sentimento de perda é evidente, a revitalização dos laços familiares, tornam-se um ponto imprescindível de ajuda, que propicia às mulheres a possibilidade de abrandar a ausência afetiva do ex-esposo. No momento da ruptura conjugal, pais e irmãos revelam-se um contato primordial de suporte, embora nem sempre isso seja um fato (KASLOW; SCHWARTZ, 1995, p. 275).

Ampliando a compreensão das esferas sociais no contexto da separação a **estruturação das condições de vida**, aparece dentre as dificuldades, como um fator importante a ser enfrentado no momento da cisão conjugal. A este respeito, Carter e MacGoldrick (1995, p.325), afirmam que a condição econômica das mulheres é reduzida com a separação. No caso das mulheres com baixa renda, a partida do esposo, leva consigo, parte das condições de estabilidade estrutural da família.

A condição econômica das mulheres com baixa renda, que emerge mediante a ruptura da relação casal, apresenta-se como sendo de precariedade de finanças. Sobre esse aspecto as informantes, que possuem filhos, relatam:

[...] Dê tê dias, assim, de elas pedirem (filhos) e você não ter o que dar. [...] É nessa área, assim financeira, eu senti dificuldade. [...] Ele paga aluguel, mas a creche sou eu que pago. Comida sou eu, calçado, roupa, tudo é comigo. (Anita Garibaldi)

[...] Pensão nunca quis, paga. Toda a vida desempregado. [...] foi um problema porque criança pequena gasta muito. Mas teve apoio da minha família, não deixavam faltar nada. A minha patroa também me apoiou. Então foi difícil e foi fácil. Fácil porque recebi apoio, mas difícil porque no caso, poderia não ter dado certo, né. (Lady Diana).

Com a separação, além de todos os encargos que recaem sobre as mulheres, em relação à própria manutenção, elas são compelidas a assumir maiores responsabilidades sobre os proventos básicos para a manutenção dos filhos (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p. 325). Constatase assim, que neste momento, as mulheres ficam com muitas responsabilidades. Porém, este fato, não reduz em nada a complexidade emocional, vivenciada pela mulher, sujeita a essa condição (CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p. 325). Percebe-se aqui, um contra ponto aos motivos alegados na categoria fundamentos para a decisão de casarem-se, uma vez que adentram na relação ansiando estabilidade e estrutura. No entanto, acabam constando que não as obtiveram. Estes fatores aparecem, também na subcategoria abaixo.

Dentre os acontecimentos evidenciados como problemáticos, no momento da separação, as informantes contam que encontrarem-se morando nas dependências da família do ex-conjuge, surge como um dos aspectos complicadores. Essa situação é mencionada por elas, da seguinte forma:

A preocupação é que eu já não tava mais na minha casa, né. Porque eu morava com a irmã dele, pra poder construir a nossa casa. Ai, eu me vi lá no meio de gente fazendo gracinha, porque eles te humilham. [...] Na hora que eu me separei, a minha preocupação mais foi com a família e comigo. Porque pra aonde é que eu vou agora, né. Não tenho casa. Moro de favor na casa dos outros. O que eu vou fazer? (Lady Diana).

Dentre as situações oriundas da ruptura, as mulheres que se encontram morando com seus filhos na residência de membros da família do ex-esposo, podem experimentar nessa hora, uma espécie de sensação de estar no lugar “errado”, na hora “errada”, que em última instância faz questionamentos sobre qual construção fez o casal, inclusive de um espaço físico para a sua família. No caso da

entrevistada, continuará sujeita aos recursos cognitivos que possuem a família do ex-marido, para lidar com rupturas no casamento. A este respeito, a família do ex-cônjuge, passa a rejeitar o genro ou a nora, principalmente se concluírem que este magoou seu filho (a) e/ou se foram contra o casamento (KASLOW; SCHUARTZ, 1995, p.259).

Outra subcategoria a ser considerada na questão de reestruturação das informantes/mães no momento da cisão do casamento, mencionada pelas entrevistadas, é o fato de estarem condicionadas ao suporte da creche para manutenção de proteção e cuidados aos filhos pequenos, enquanto desempenham suas atividades laborais.

[...] Difícil foi não arrumar creche, porque daí eu tinha que levar o menino todo dia pro serviço e voltar. Dava muito trabalho. Ai vinha na creche, e não tinha vaga. A maior dificuldade foi a creche, porque não tinha como trabalhar. (Lady Diana).

As mulheres, cujas condições econômicas são limitadas, contam com alguns recursos que possibilitam a elas um aporte na ocasião da separação, uma das soluções possíveis é poder deixar os filhos com as avós, tias, sobrinhas. No entanto, quando esses recursos não podem ser acessados, as mulheres contam com o serviço de apoio a mães que trabalham, a creche. Mas, em virtude de limitações de vagas e períodos de matrículas, este apoio pode não estar disponível no momento da ruptura. Ainda após conseguirem vagas na creche, o progenitor sozinho terá problemas se o filho adoecer e nos dias em que a creche não estiver aberta (KASLOW; SCHWARTZ, 1995; p.236). Isto de certo modo, evidencia que as mulheres buscam se organizar para continuarem trabalhando, ainda que seus filhos e ela mesma passem por sacrifícios ainda maiores no momento da ruptura. Contudo, empreender de forma solitária o compromisso pela criação dos filhos, pode gerar nas mulheres uma grande estafa, quando as mães necessitam trabalhar e prover ao mesmo tempo as necessidades dos filhos e não contam com tempo disponível para dar maior atenção à seus filhos (CARTER; MACGOLDRICK, 1995 p.303).

Desse modo, averigua-se uma necessidade de um envolvimento maior por parte das políticas públicas em contemplar de forma mais adequada organização dos cuidados com as crianças. Mães sobrecarregadas, preocupadas e crianças mal

assistidas, acabam por somatizar tais aspectos e recorrem ao sistema público de saúde para sanar os sintomas que emergem deste tipo de situação e pela limitação do apoio. Assim, sugere-se que ao invés dos setores de saúde massificarem os atendimentos atuando nos sintomas emitidos, que as políticas públicas responsáveis hajam na prevenção, organizando de forma mais apropriada os recursos de apoio para atender aos pontos críticos da condição em que ficam mulheres e crianças que vivenciam este tipo de situação, auxiliando-os na superação de tais enfrentamentos, com vistas à alcançarem maior qualidade de vida.

Durante a separação um aspecto que poderá emergir como dificuldade, refere-se à **relação com o ex-esposo**. A este respeito, as informantes mencionam as atitudes dos ex-parceiros com relação a elas e aos seus filhos, como uma questão a ser enfrentada, com repercussões em vários outros setores a serem administrados na hora da separação. Alguns estudos apontam que o processo de divórcio emocional inclui a negociação da dimensão real, a ser combinada entre os ex-parceiros, que abarcam quatro aspectos essenciais a serem elaborados e dinamizados: provisão dos filhos, divisão de bens e responsabilidades sobre a custódia e visitas (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p. 324). Contudo, nesse momento alguns aspectos funcionais e individuais repercutem na forma interação entre o ex-casal, que poderão vir a ocasionar a intensificação de conflitos pessoais e internos, incidindo sobre o alcance de uma forma mais sensata e cooperativa de soluções plausíveis para a reestruturação de todos os envolvidos.

Um dos fatores importantes referido pelas entrevistadas sobre relação com o ex-esposo é a **administração das tentativas de controle do ex-esposo** sobre suas vidas. Esse fato é mencionado nas falas abaixo:

[...] ele foi morar com o meu filho numa casa alugada, mas só que daí tava direto na minha casa incomodando. Não dava. Queria voltar, queria ficar com a casa. [...] achando assim que ele ia me deixar em paz e que eu não ai me incomodar mais, eu deixei a casa pra ele. [...] Ele me sonda até hoje, ele cuida todos os meus passos que eu dou [...] É bem complicado. [...] tem vez que ele me deixa até apavorada mesmo. [...] Hoje em dia eu não consigo nem olhar pra ele. (Anita Garibald).

A ação do ex-esposo emerge nesse sentido, como uma atuação “manipuladora” sobre a escolha das mulheres no momento da separação. Observa-se que há um movimento feminino de ceder em certa medida, as pressões dando

lugar a possibilidade de conseguirem um estado de paz. Portanto, tais formas coercitivas de manipulação, acabam por refletir um modo aversivo das mulheres agirem em relação a quem as impõe. Deste modo, pode-se constatar que os ex-esposos ao compelirem as mulheres na busca de um retorno relacional afetivo com elas, estarão ampliando as dificuldades do processo de interação entre ambos, ao mesmo tempo em que instalam nelas a oposição a uma possível convivência saudável.

Referindo-se a este assunto, as autoras Carter e MacGoldrick (1995, p. 336-337), mencionam que os homens percebem a família como um ponto de estrutura para o alcance de suas realizações pessoais e econômicas. Assim pode-se conjecturar que, ao se depararem com a decisão de ruptura por parte de suas esposas, podem apresentar determinadas negações e resistências a este fato. Deste modo, pode-se perceber que os reflexos de tais pressões masculinas resultam numa dinâmica pessoal feminina extremada, que emerge do sentimento de estarem sendo encurraladas entre o retorno a vivenciar relação conjugal ou abandono de tudo que possa ligá-la ao opressor. Em alguns casos, elas decidem-se por abrir mão de direitos à manutenção de uma estrutura básica a seus filhos. É notável, que tais pressões, possam inviabilizá-las na manutenção de um manejo adequado da situação, refletindo uma ambivalência em suas condições entre força e fragilidade. Contudo, apesar de não terem sido relatadas agressões físicas, por parte das entrevistadas, tais atos persuasivos de controle podem ser considerados um tipo de ataque violento ao projeto feminino de buscar suas novas escolhas.

Outra subcategoria, que surge dentre as menções das informantes, que diz da delicada administração da relação com o ex-esposo durante o processo de separação, refere-se à administração da negligência paterna. E são mencionas da seguinte maneira:

[...] a minha comunicação com ele foi difícil, porque ele é meio metido a machão. Ai quando ele saía com o menino, se metia no meio de uma cacalhada e eu não quis deixar. [...] E o menino é alérgico á carne de porco. Ele sabia, porque sempre foi avisado que ele podia comer aquilo ali. Daí levou o guri e deu carne de porco pro guri comer. A pele do guri ficou em bolhas, a parte do rosto dele ficou como um carvão, cheio de ferida, o nariz dele o sangue corria. [...] Aí meu Deus, eu entrei em desespero. (Lady Diana).

A este respeito, pode-se supor que as mulheres, apresentem-se pouco tranqüilas em relação aos momentos que os filhos pequenos estão sob a guarda dos pais, sobretudo quando estes, não costumam ter os cuidados básicos e necessários em relação ao desenvolvimento saudável de seus filhos. Este aspecto revela-se um ponto bastante conflitivo na interação entre ambos, mas principalmente para as mulheres, que primam e dedicam grande parte de suas vidas aos cuidados com os filhos. Deste modo, a negligência paterna, aparece como um ponto de intranqüilidade sobre a condição maternal das mulheres, durante o processo de separação (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, p.231).

Com a separação, poderá surgir também, um comportamento de indiferença do ex-esposo em relação a família. De acordo com as informantes, este aspecto revela-se um complicador a ser vivenciado pelas mulheres na separação.

É foi difícil, porque nem pra ele ir me visitar. [...] Eu quase morri, fiquei com um por cento de chance de vida. A menina quase morreu. Tava lá do lado [...] mas eu ele não foi ver. [...] foi bem cruel. É uma criatura que não tem sentimento. Nem a filha ele não foi ver. [...] Só foi ver a menina depois de mês, que eu tava em casa. Isso doeu. (Lady Diana).

Quando o casal se decide pela ruptura conjugal, quase sempre ocorre um maior distanciamento entre ambos. Contudo, o vínculo afetivo entre pais e filhos, comumente permanecem. Complicadores afetivos emergem, quando a família encontra-se fragilizada em sua saúde. Nesta ocasião, alguns retornos afetivos básicos do ex-cônjuge são esperados como apoio, no momento em que a família encontra-se em uma condição tão delicada. Considerando que as mulheres possuem uma importante contribuição, nos cuidados dos filhos, ainda dependentes de proteção dos adultos, o estado de saúde delas também deve ser considerado como prioridade. Pode-se conjecturar que a ausência desse apoio, de sentimento de vínculo mínimo por parte do ex-cônjuge/pai, neste momento, acabe por despertar nas mulheres um sentido de crueldade do ex-parceiro para com os laços consangüíneos, que de algum modo, os mantêm ligados à família, que ambos possuem em comum.

Contudo, há que se considerar que o processo de interação entre casal durante a separação, torna-se um complicador que muitas vezes tende a reduzir o contato ou afastar a figura paterna dos filhos (AHRONS, 1995 p.194). Outro fator

importante a ser ponderado, é que os casais levam um tempo para perceberem a interdependência ocasionada com a separação. Até se darem conta, de que o cordão imaginário que os unia na relação casal foi solto por uma das partes, ambos tendem a cometer alguns equívocos, por vezes necessários, para poderem experimentar novamente a sensação de bem estar (AHRONS, 1995, p. 147). Contudo, há que se ponderar, que os sujeitos dessas vivências estão sob um novo cenário, que torna imperiosa a condição de se pensar em realizações individuais e deste modo as famílias poderão ser postas de lado (JABLONSKI, 1998, p. 19).

Na análise deste capítulo, pode-se constatar que a desilusão ocasionada com a condição conjugal das informantes, de modo geral, acaba por levá-las a tomar a frente para efetivar a separação. Pode-se constatar que as mulheres, que entram na relação sem questionamentos maiores, são as mesmas que saem dela de forma mais ativa e crítica. Adentrando-se ao âmbito da ruptura conjugal, encontramos uma concordância entre os teóricos estudados, de que a separação física revela-se um ponto de eclosão das emoções conflituosas (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, KASLOW; SCHWARTZ, 1995, AHRONS, 1995). Tais afirmações puderam ser constatadas, através da análise sobre os enfrentamentos emocionais vivenciados por mulheres com a separação, e confirmam que há uma confusão de sentimentos, que se apresentam ao mesmo tempo e de forma contrária. Outros aspectos, que atingem a dimensão emocional das mulheres, se referem à reação dos filhos com a partida e ausência do pai, que acontece após a ruptura. Neste sentido, complicações ainda maiores emergem quando os pais apresentam posturas de indiferença e negligência em relação aos filhos. A este respeito, Ahrons, (1995, p.196), menciona que o afastamento ocorre em face da desistência do pai, em relação às tentativas de contato com os filhos, mediante as manobras das ex-mulheres para evitar tal contato. Contudo, pode-se conjecturar que as afirmações paternas podem se originar, também por aspectos de conflitos emocionais por parte dos filhos, diante de sua partida. A este respeito, as mulheres deveriam estimular seus filhos a tomarem a frente no contato com o pai e a expressarem suas emoções a ele, possibilitando assim um discernimento por parte de todos, em relação às emoções e sofrimentos e suas direções, imputados pela ruptura conjugal.

No entanto, a constatação do sofrimento dos filhos, agrava o enfrentamento emocional das mulheres. Tais fatores são indicativos de novas pesquisas, no sentido de ter-se identificado estratégias de intervenção e ajuda como

necessidades básicas da saúde, que podem ser constatadas através das constantes solicitações de apoio nos serviços de saúde pública, sobretudo na atenção básica em saúde. Assim, os programas de atenção à saúde da mulher, como prevê o PAISM, precisariam ser fortemente investidos nesse sentido. Não são raras nesses serviços, queixas mais genéricas de problemas escolares, regressões infantis, isolamento social infantil, onde frequentemente subjazam dificuldades de pais separados.

Ainda, em relação aos aspectos emocionais das mulheres na separação, averiguou-se que podem se agravar ainda mais, com a possibilidade de os ex-esposos tentarem manter uma relação de poder sobre suas ex-companheiras, dados que incidirão sobre possibilidades mais saudáveis de interação.

Os aspectos de construções de identidade femininas e de construção cultural como as supostas reações que poderão emergir na esfera social, ocasionam nas mulheres uma barreira, para a superação mais ágil dessa situação que se origina com a separação. Porém, a realidade experimentada pelas informantes na interação com o social, após a separação revela-se de distintas maneiras, apresenta-se como suporte ao sofrimento, legitimação sobre as dificuldades emocionais e também de estigmatização, o que leva as mulheres a se aproximarem desse âmbito de forma receosa.

Em consonância com os teóricos da área, as condições de vida das mulheres e de seus filhos decaem com a separação (CARTER; MACGOLDRICK, 1995, KASLOW; SCHWARTZ, 1995). A este respeito, as entrevistadas mencionam que o fator econômico, torna-se um elemento de pressão intenso, principalmente porque interfere em condições básicas para a manutenção dos filhos.

Por tudo visto, pode-se concluir que os enfrentamentos ocorrem em diversos âmbitos da vida feminina, assim a reestruturação de sua identidade individual, acaba mediante as demandas da separação, por ocupar um lugar não percebido, pelas mulheres nessa ocasião.

#### **4.2.3 Despertando para a realidade individual**

Tendo como norte a investigação de como as mulheres agem, diante das situações oriundas da separação e pretendendo compreender de que forma esse fator é considerado pelas mulheres que se separam. Na análise da categoria **dinâmica pessoal na separação** pode-se constatar, nas as falas das informantes, que seus movimentos se dão em direção principalmente do âmbito profissional e na busca de estrutura e apoio.

A primeira subcategoria a identificada foi a ação das mulheres na **manutenção das tarefas**, que de acordo com as informantes apresentou da seguinte maneira:

[...] Ele era uma pessoa tão ausente que simplesmente a gente mudou de casa, a minha ação é a mesma de quando eu era casada, é trabalhar, é ficar em casa cuidando dos meus filhos, a mesma vida que eu tinha, eu continuo tendo. (Anita Garibaldi).

[...] Eu enfiei a cara no trabalho e fui trabalhar. (Lady Diana).

Deste modo pode-se conjecturar que a manutenção das tarefas se evidencie para elas uma condição *sinequanon* de sobrevivência, mediante as intempéries da separação e das limitações impostas à sua condição feminina pela sociedade.

As mulheres participantes da pesquisa, também mencionam a **superação pela fé e afetividade materna**, como uma barreira emocional transposta na separação. Essas afirmações estão expostas abaixo:

[...] Hoje eu to me sentindo bem melhor, porque depois de passar por isso tudo... [...] Eu me apeguei muito na igreja. Daí assim, foi saindo aquele vazio. Eu não consegui dormir á noite. Eu já comecei a dormir melhor. Então eu me apeguei assim... [...] com meus filho. Eu continuei vivendo pra família e pra igreja. (Maria da Penha).

Em meio ao turbilhão emocional ocasionado pela separação, as mulheres agem na busca da fé e do apego aos filhos, encontrando assim, maneiras de superar o vazio trazido com a ausência do cônjuge. Entretanto, isso dependerá de aspectos subjetivos sobre como sua relação é estabelecida com a religião e o grau de afetividade que possuem.

Outra dinâmica apresentada pelas mulheres na separação, é relacionada ao temor ao preconceito social, já mencionados na categoria “dificuldades emocionais da separação”. Contudo, aqui referem-se à busca pela reorganização das mulheres, que temendo acusações e rejeições sociais buscam o isolamento social, como forma de auto-preservação.

No começo eu tinha vergonha, [...] eu tinha até receio de sair de casa. ‘ah, porque a filha da fulana ta separada’, as vezes as pessoas me convidavam pra sair, eu me restringia assim, ficava no meu canto. [...] Então eu sempre tive aquele tabu de ser mulher separada. Eu levei uns dois anos pra sair, porque eu tinha vergonha. [...] Uma das minhas amigas que trabalha comigo, me ajudou muito no meu divórcio, ela me convidava pra ir pra praia, mas quando tinham casais juntos eu não ia. É bom a gente não se envolver, né. (Chiquinha Gonzaga).

A este respeito, as mulheres em suas amizades podem ser consideradas uma ameaça ao casamento das amigas, que podem temer que seus esposos possam apresentar interesse em ajudá-las e acabar se envolvendo (KASLOW; SCHWARTZ, 1965 p. 260). Tal dinâmica precisa ser considerada junto aos apoios conferidos às mulheres separadas, no sentido de serem compreendidos os processos de exclusão.

Desse modo pode-se afirmar que as mulheres se deparam com dificuldades internas e externas para o retorno imediato ao convívio social, o que acaba por estender o vácuo sentido com a separação. A revitalização ou constituição de novas amizades ocorrerá aos poucos e se dará segundo a crença pessoal das mulheres em relação à separação, mas também, em relação ao perfil das pessoas envolvidas em seu âmbito social.

Conforme mencionado na análise da categoria **estruturação das condições de vida**, diante das dificuldades que emergem no momento da ruptura conjugal, as informantes dizem que a intensificação de atividades e busca de apoio afetivo e estrutural tornam-se imperativos como de recursos de sobrevivência. Estes aspectos são confirmados pelas informantes, do seguinte modo:

[...] Então, eu liguei pra minha família. [...] Peguei uma mochilinha, peguei o meu filho. [...] Primeiro eu vi um lugar pra morar. [...] E ai eu comecei a tocar a minha vida. Depois eu construí a minha casa de verdade. [...] E depois eu trabalhei mais. Diversão nem pensar, até hoje eu ainda não to saído pra me divertir é uma vez no mês e olhe lá. (Lady Diana).

Mediante ao exposto, conclui-se que as mulheres buscam agir primeiramente buscando o suporte afetivo familiar que revelam-se o maior ponto de apoio neste momento; no segundo momento priorizam o trabalho, com o objetivo da obtenção de um lar para elas e seus filhos. A este respeito, pode-se conjecturar que tais processos, nem sempre ocorram nesta ordem, contudo todos eles se tornam prioridades nas vidas das mulheres separadas. Percebe-se também, que as mulheres ainda que separadas, continuam a desejarem a manutenção básica para o retorno ao seu *status* de família. Por tudo visto, pode-se avaliar que as mulheres estão agindo, para a manutenção de um padrão, que muitas vezes não encontram nem mesmo na relação conjugal. É possível perceber que elas estão fazendo caminhos mais livres após a ruptura, no entanto, continuam presas as responsabilidades que praticamente se duplicam na ocasião da separação.

Neste capítulo, a análise de dados sobre a categoria, dinâmica pessoal na separação, pode-se constatar que diante da possibilidade de se sentirem rechaçadas em sua esfera social, as mulheres agem resignando-se. Outro aspecto relevante, diz respeito à reorganização de sua estrutura familiar, que tem parte rompida com a separação, em face disso, elas buscam modos de reconstruir suas vidas através da intensificação do trabalho.

Diante dos complicadores que nascem com a separação, as mulheres buscam conforto na religiosidade e no apego com os filhos, desse modo encontram maneiras de superarem tais enfrentamentos.

Conclui-se assim, que as mulheres priorizam a reestruturação de suas condições de vida e agem tendo como meta o alcance do *status* de família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao empreender a análise sobre os enfrentamentos vivenciados por mulheres mediante a ruptura da relação conjugal, a intenção primeira foi identificar as concepções femininas acerca do casamento. Assim, acabou-se por constatar que os aspectos considerados atrativos no início da relação, em não serem contemplados com a convivência conjugal, tornam-se repulsão. Estes dados, também são citados por Negreiros e Féres-Carneiro (2004). Isso se dá, em decorrência da ilusão de fusão, que de acordo com Féres-Carneiro (1998), refere-se à concepção errônea de que duas pessoas ao unirem-se na relação conjugal, poderão unificar identidades. Como conseqüência o que surge, são complicadores que tendem a paralisar o sistema conjugal. Em virtude de estarem condicionadas ao crivo de sistemas maiores, como o padrão de funcionamento familiar e padrões sócio-histórico-culturais, as mulheres demonstram não se perceberem com possibilidades de opções de escolha sobre como, com que e quando casarem-se.

A respeito das opções de escolha feminina, pela adesão a relação conjugal, sugere-se o empreendimento de pesquisas que se disponham a compreender formas de romper com tais limitações que inviabilizam as mulheres de perceberem-se mais autônomas. Torna-se mister a ampliação da visão feminina sobre o tema “parâmetros de escolha e possíveis conseqüências dessas escolhas”, que são possibilitadas pelo empoderamento a elas atribuídos pelas novas configurações de papéis, tencionando desta maneira o alcance do bem estar desta população.

Por tudo isto, pôde-se concluir que o conceito feminino sobre casamento é pré-concebido e, na dimensão real, norteia-se mitos familiares e sociais acerca do casamento, já na dimensão imaginária, por anseios íntimos na busca de revitalização dos afetos infantis e de considerações ao seu papel familiar.

Tais aspectos são evidenciados como dificultadores da relação conjugal, sendo mencionados pelas informantes da seguinte maneira: referindo-se às expectativas do casamento, aparecem como idealizações; em relação aos fundamentos que pautaram suas decisões de casarem-se, afirmam não haver tido uma relação prévia com seus companheiros; que a ausência de condições

financeiras se interpôs na decisão; e que experiências vivenciadas em relações anteriores influenciaram suas decisões.

Reportando-se à experiência conjugal relatada pelas informantes, observa-se que as frustrações se deram em decorrência de situações como: vivenciarem um isolamento em suas relações conjugais, familiares e sociais; vivenciarem um intenso sofrimento que se apresentou em função de todos os aspectos mencionados neste parágrafo; se depararem com aspectos de identidade individual de seus parceiros, tais como: o alcoolismo, a infidelidade e insegurança.

Referindo-se as interferências que incidiram sobre a relação, foram mencionados incompatibilidade de valores e interferências diretas das famílias de origem na relação casal. Esta constatação é mencionada também por Carter e MacGoldrick (1995). E por fim, sobre a ausência de aspectos considerados pelas mulheres, como sendo primordiais na relação íntima e familiar, tais como a falta de companheirismo do esposo e a participação restrita do mesmo, na provisão familiar.

Então, a relação conjugal aparece de forma paradoxal, entre homem e mulher, racional e emocional, utopia e realidade que interagem de forma irreconciliável, tendo como resultante a possibilidade de romper. Deste modo, um possível âmbito saudável de interação denominado por Féres-Carneiro (2003), como “zona de comum interação”, transforma-se em zona de convergência ao conflito. Diante disto, a emoção feminina toma à frente, para abrir a porta de emergência em direção a única saída possível de ser vislumbrada por quem se sente submetida a tal situação, a separação. Deste modo, pretendendo refletir aqui as dificuldades que embasam esse momento, utilizou-se a metáfora “casar é fácil, difícil é descasar”.

Na análise sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na separação, procurou-se focar também, os enfrentamentos femininos, diante da necessidade de retomar sua identidade individual. A este respeito, pôde-se conjecturar que essa retomada não dá por completo, mas ocorre de forma diferenciada, onde outros aspectos estão envolvidos, dentre eles a experiência do desempenho de papéis enquanto esposa e mães, que quando solteiras vivenciavam o papel de filha. Portanto, as mulheres são acrescidas da experiência conjugal e em alguns casos pela condição maternal.

Nesta análise, foram evidenciadas nas falas das entrevistadas que as emoções que emergem se apresentam de forma ambígua e desorientadora. Tais sentimentos, recebem ênfase no momento em que passam a interagir com o ex-

esposo, que de acordo com as informantes podem apresentar, sobretudo reações intensas de afastamento ou apego, oferecendo à elas resistência, mediante as tentativas de negociação sobre a assistência econômica e afetiva da família. A este respeito, os sentimentos das mulheres, aparecem como perplexos e aversivos. Novamente, as polaridades masculinas e femininas, acerca dos sentimentos correspondentes a separação, fracasso e mágoa entram em divergência, impedindo que a ruptura conjugal seja branda para os envolvidos. Resistências entre fronteiras rígidas são postas em cena e neste cenário os braços femininos carregam os filhos, enquanto os masculinos estão mais livres para a reconstrução de suas vidas.

Os problemas femininos na separação se dão em direção a toda a sua rede de relacionamentos, e neste sentido, filhos, família de origem e sociedade poderão oferecer conforto emocional, mas também resistência em se ajustar à nova situação. Pôde-se conjecturar que um dos aspectos dessa postura se apresenta em função de também terem que se reorganizar, diante da reconfiguração dessas famílias, que agora se adentram a um novo ciclo de vida. Contudo, há que se considerar que os filhos estarão envolvidos por questões de tensão afetiva, as famílias de origem por apego a crenças, valores e afetividade e a sociedade por mitos e dogmas. No entanto, o sofrimento dos filhos é ressaltado como um fator importante de enfrentamento.

Uma das primordiais situações mencionadas pelas informantes, dizem respeito à estruturação das condições de vida, uma vez que com a separação, dois fatores incidem sobre este aspecto: parte da identidade da mulher é rompida e sua situação econômica torna-se periclitante. A este respeito, os estudos de Carter e MacGoldrick (1995) afirmam que o padrão de vida das mulheres decai com a separação. Em decorrência de tais fatores, as mulheres buscam acionar seus recursos de rede. Neste sentido, sugere-se uma maior participação das políticas públicas em direção a assistir de forma preventiva e adequada crianças e mães que passam por tais enfrentamentos.

Em face da decadência da condição econômica das mulheres que se separam e das posturas apresentadas pelos ex-esposos em relação à manutenção de suas famílias, as mulheres acabam por apresentar uma postura mais ativa em relação à busca de reconstruir suas vidas. Tencionando identificar como as mulheres agem na separação, pôde-se constatar que os enfrentamentos vivenciados por mulheres, emergem como opositores a todas as formas de ilusão a

respeito de relações saudáveis. Deste modo, as mulheres buscam um “chão”, tentando reconstruir suas vidas. E nesta busca, os aspectos de realizações pessoais são postos de lado, levando um tempo considerável para serem alcançados, mas nem sempre o são. O temor a uma nova desilusão é ressaltado pelas informantes, assim a reconstrução de uma relação afetiva, aparece como uma possibilidade que está muito distante de suas vidas. Mediante ao exposto, conclui-se que as mulheres norteiam suas ações pretendendo a retomada da estabilidade e preservação de suas famílias.

Esta pesquisa possibilitou concluir os enfrentamentos mencionados pelas informantes, incidiram sobre os diversos âmbitos de sua vida. Contudo se caracterizam como situações, as quais requerem a implementação de ações, que busquem a superação dos estados de tensões internas e externas geradas pela separação. Em consonância com Carter e MacGoldrick (1995); Ahrons, (1995), constata-se também, nesta pesquisa que a superação de tais enfrentamentos, levará um tempo significativo para ser alcançada, contudo apesar da solidão e de outros dificultadores do processo de ruptura conjugal, as mulheres mostram-se mais autônomas e realizadas após a separação.

## REFERÊNCIAS

AHRONS, Constance. **O bom divórcio**: como manter a família unida quando o casamento termina. Rio de Janeiro : Editora Objetiva, 1994. 362 p.

ANDOLFI, M. **A crise do casal**: uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANTON, I. L.C. **A escolha do cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BAGGIO, A. **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa Portugal. Edições 70, 1997. 226 p.

BICALHO, M. S. Saúde pública: a saúde mental na atenção básica. In: III MOSTRA NACIONAL DE PRODUÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA, IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ATENÇÃO PRIMÁRIA / SAÚDE DA FAMÍLIA, III CONCURSO NACIONAL DE EXPERIÊNCIAS EM SAÚDE DA FAMÍLIA, 2008, 3., 4., 3., 2008, Brasília. **Pôster**. Disponível em: <[dtr2004.saude.gov.br/dab/evento/mostra/documentos/pe\\_parte\\_1.pdf](http://dtr2004.saude.gov.br/dab/evento/mostra/documentos/pe_parte_1.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2009.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 1997, 228p.

BORSA, J. C; FEIL, C. F; **O papel da mulher no contexto familiar**: uma breve reflexão. Porto Alegre, 13 de junho de 2008. Disponível em: <[http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0121&area=d7&subarea=>](http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0121&area=d7&subarea=>)>. Acesso em: 23 out. 2008.

BRAGA, M.G.R; AMAZONAS, M. C. L. A. Família: maternidade e procriação assistida. **Psicologia em estudo**. Maringá, v.10, n.1, 2005. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a02.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2008.

BRASIL. **Código civil**. \_\_\_\_: \_\_\_\_\_, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. **Saúde da mulher**. Brasília, DF, 2007 a.

Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id\\_area=152](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=152)>. Acesso em: 12 maio 2009.

\_\_\_\_\_. **Cartilha entendendo o SUS**. Brasília, DF, 2007b.

Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id\\_area=136](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=136)>. Acesso em: 02 maio 2009.

\_\_\_\_\_. **Cartilha política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes, série projetos, programas e relatórios**. Brasília, DF, 2007c. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/93 arquivos/pdf/Política%20Nacional%20de%20Atenção%20Integral%20à%20Saúde%20da%20Mulher.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/93%20arquivos/pdf/Pol%C3%ADtica%20Nacional%20de%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20Integral%20%C3%A0%20Sa%C3%ADde%20da%20Mulher.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2009.

CARTER, B; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CESAR-FERREIRA, V.A. da M. **Família, separação e mediação: uma visão psicojurídica**. São Paulo: Método, 2004. 220 p.

CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO – **Casamento**. Disponível em: <[http://www.cnpqjr.pt/preview\\_documentos.asp?r=1015&m=PDF](http://www.cnpqjr.pt/preview_documentos.asp?r=1015&m=PDF)>. Acesso em: 23 out. 2008.

COSTA, S. F. **Método científico: os caminhos da investigação**. São Paulo: Harbra, 2001.

DALBEM, J. X; DELL' AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos brasileiros de psicologia**. Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrgs.br/>>. Acesso em: 22 out. 2008.

DASPETT, C. Um estranho entre nós: a repercussão do diagnóstico de HIV/AIDS na trajetória de casais heterossexuais soroconcordantes. São Paulo, 2005. Disponível em: <[www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/processaPesquisa.php?campo%5B0%5D=TODO&pesqExecutada](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/processaPesquisa.php?campo%5B0%5D=TODO&pesqExecutada)>. Acesso em: 24 set. 2008.

DUPAS, G.; OLIVEIRA, I. de; COSTA, T.N.A. A importância do interacionismo simbólico na prática de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem**. São

Paulo, v.31, n. 2, p. 219-226, 1997. Disponível em:  
<<http://www.ee.usp.br/REEUSP/index.php?p=html&id=411> >. Acesso em: 25 out. 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia**. Natal v.8 n.31 set./dez. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19958.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2008.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Brokmam, 2004.

GIFFIN, Karen. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2002000700011&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000700011&lng=&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Coordenadoria Estadual da mulher - secretaria do Planejamento e Gestão. **Plano Estadual de Políticas Públicas para as Mulheres**. Porto Alegre, mar./ 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Separações e divórcios**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/](http://www.ibge.gov.br/home/)>. Acesso em: 28 set. 2008.

JABLONSKI, Bernardo. **Até que a vida nos separe**: a crise no casamento contemporâneo. 2.ed. e ampl. Rio de Janeiro: Agir, 1998. 306 p.

KASLOW, W. Florence. **As dinâmicas do divórcio**: uma perspectiva de ciclo vital. São Paulo: Editorial Psy, 1995. 382 p.

LOUREIRO, S. R; LOPES, J. Enfrentamento e regulação emocional de crianças: filhas de mães depressivas 1. **Interação em Psicologia**. São Paulo, v.11, n.2, p. 253-262, 2007. Disponível em:< [Buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787253E1](http://Buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787253E1) -> Acesso em: 12 de out. de 2008

MAGALHAES, A. S; FÉRES-CARNEIRO, T. **Conjugalidade e subjetividade contemporânea**: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003. Disponível

em: < [http://www.estadosgerais.org/mundial\\_rj/download/5a\\_Carneiro\\_39020903\\_port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5a_Carneiro_39020903_port.pdf) >. Acesso em: 23 set. 2008.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e conjugalidade**: um estudo sobre o casamento contemporâneo. 1993 Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-Rio. 2003. Disponível em: <[http://www.estadosgerais.org/mundial\\_rj/download/5a\\_Carneiro\\_39020903\\_port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5a_Carneiro_39020903_port.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2008.

MELO, Mônica Cristina Batista de et al . A família e o processo de adoecer de câncer bucal. **Psicol. estud.** , Maringá, v. 10, n. 3, Dec. 2005 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722005000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 04 dez. 2008.

MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro; MAGALHÃES, Andrea Seixas. **Criando os filhos sozinha**: a perspectiva feminina da família monoparental. Rio de Janeiro, 2008. 106p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em:< [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610333\\_08\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610333_08_pretextual.pdf)>. Acessado em: 10 jun. 2008.

MOSMANN, C. **A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais**. 2007 Tese (Doutoramento em Psicologia Social e da Personalidade) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2007. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=808](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=808)>. Acesso em: 01 out. 2008.

MULLER, Artur Wolf. **Aspectos sistêmicos da separação**. 2005 Monografia (Especialização em Psicologia Clínica) Familiare Instituto Sistêmico Florianópolis, 2005. Disponível em:<[www.awmueller.com/terapiafamiliarcasal/monog.htm](http://www.awmueller.com/terapiafamiliarcasal/monog.htm)>. Acesso em: 10 maio 2009.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro e FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Masculino e feminino na família contemporânea**. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. jun. 2004, vol.4, no.1 [citado 02 Novembro 2008], p.0-0. Disponível na World Wide Web: < [http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1808-4281. >. Acesso em: 15 out. 2008.

NICHOLS, M.P; SCHWARTZ, R.C. **Terapia familiar**: conceitos e métodos. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 480 p.

OSIS, Maria José Martins Duarte. **Paism: um marco na abordagem da saúde reprodutiva no Brasil**. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1998, v. 14, suppl. 1, pp. S25-S32. ISSN 0102-311X.

PEIXOTO, C. N. **Estratégias de enfrentamento de estressores ocupacionais em professores universitários**. Florianópolis, 2004. 96 folhas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Curso de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: < <http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0190.pdf>>. Acesso em 25 set. 2008.

PEREIRA, A. M. S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez.

PERISTA, H. Gênero e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. **Revista Análise Social**. Lisboa, v.37, n.163, p. 447-474, 2002. Disponível em: <[http://www.ine.pt/ine\\_novidades/semin/familia/docum/resumos/resHPerista.pdf](http://www.ine.pt/ine_novidades/semin/familia/docum/resumos/resHPerista.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2008.

PORRECA, W; ROMANELLI, G; Separação conjugal e segunda união de casais católico. **Serviço social & realidade**. Franca, v. 13, n. 1, p. 71-88, 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.universia.net/irARecurso.do?page=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F59%2F59137%2Fde-25012005-150705%2F&id=3269094>>. Acesso em: 12 set. 2008.

PROJETO UNISUL, 2006 “Atuação da Psicologia na Comunidade de Palhoça”. UNISUL (in: mimeo)

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

RUIZ, J. Á. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 13. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

SCHABELL, Corinna. Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação. **Psicologia teoria prática**. São Paulo, vol.7, no.1, p.13-20, jun. 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>>. Acesso em: 01 out. 2008.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Rio de Janeiro: Educação e Realidade, 1995.

SCRIBEL, Maria do Céu, SANA, Maria Regina e DI BENEDETTO, Angela Maria. **Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal**. *Rev. bras. ter. cogn.* [online]. dez. 2007, vol.3, no.2 [citado 24 Maio 2009], p.0-0. Disponível na World Wide Web: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872007000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000200004&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1808-5687.

SOCORRO, T. de C; et al. A nova configuração familiar e sua repercussão no estresse feminino na contemporaneidade. **Relatório Técnico-Científico. Instituto Avançado de Ensino Superior de Barreiras - IAESB**. Faculdade São Francisco de Barreiras – FASB, p.15, 2007. Disponível em: < [www.fasb.edu.br/revista/index.php/conquer/article/viewPDFInterstitial/96/74](http://www.fasb.edu.br/revista/index.php/conquer/article/viewPDFInterstitial/96/74) >. Acesso em: 14 set. 2008.

THOMAS, J.R; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisas em atividades físicas**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A - Entrevista****DADOS DA ENTREVISTADA:**

- 1) NOME: \_\_\_\_\_
- 2) IDADE: \_\_\_\_\_
- 3) ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_
- 4) ESTADO CIVIL ATUAL: \_\_\_\_\_
- 5) HÁ QUANTO TEMPO SE SEPAROU? \_\_\_\_\_
- 6) TIPO DE UNIÃO CONJUGAL: \_\_\_\_\_
- 7) POR QUANTO TEMPO PERMANECEU CASADA:  
\_\_\_\_\_
- 8) TEM FILHOS? \_\_\_\_\_ QUANTOS? \_\_\_\_\_
- 9) QUAL A IDADE DE SEUS FILHOS? \_\_\_\_\_
- 10) SEUS FILHOS MORAM COM VOCÊ? \_\_\_\_\_
- 11) QUEM MORA COM VOCÊ? \_\_\_\_\_
- 12) VOCÊ TRABALHA? \_\_\_\_\_
- 13) (SE HOUVER FILHOS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA) VOCÊ CONTA COM O AUXÍLIO DE ALGUÉM PARA CUIDAR DE SEUS FILHOS PEQUENOS? \_\_\_\_\_
- 14) QUAL A ATIVIDADE QUE VOCÊ DESEMPENHA NO SEU COTIDIANO?  
\_\_\_\_\_
- 15) QUAL A SUA RENDA MENSAL? \_\_\_\_\_
- 16) QUANTAS PESSOAS VIVEM DESSA RENDA? \_\_\_\_\_
- 17) ALGUÉM CONTRIBUI PARA O SUSTENTO DE SEUS FILHOS?  
\_\_\_\_\_

## **Roteiro de Entrevista**

- 1. Antes de estar casada, o que você esperava do casamento?**
- 2. E agora, o que significa estar casada para você?**
- 3. Em sua opinião quais os motivos que influenciaram a sua separação?**
- 4. Como foi a relação com o seu ex-marido durante sua separação?**
- 5. Quais foram suas principais ações, quando você percebeu que estava separada?**
- 6. Que tipo de sentimentos você experimentou durante sua separação?**
- 7. Que tipo de reação você percebeu que seus filhos apresentaram durante seu processo de separação? ... Como você reagiu diante disso?**
- 8. Em sua separação, de que forma se manifestaram as pessoas com quem costuma ter mais convívio? ... Como você enfrentou isso?**
- 9. Quais os tipos de dificuldades que você vivenciou durante seu processo de separação?**
- 10. Dentre as dificuldades citadas, quais você vivenciou com maior intensidade?**
- 11. Quem tomou a iniciativa de separar-se?**
- 12. Há algo que não te perguntei que você gostaria de me contar?**

## APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

Universidade do Sul de Santa Catarina  
Curso de Psicologia



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **Gislaine Santos Machado**, estudante de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. Estou desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado “**Enfrentamentos vivenciados por mulheres no processo de ruptura do relacionamento conjugal**”, com a intenção de investigar como ocorre este fenômeno. Estou desenvolvendo esta pesquisa sob a orientação da Professora Ana Maria Pereira Lopes.

Vou realizar a pesquisa com mulheres que freqüentam a Unidade Básica de Saúde Bela Vista de Palhoça. SC, e que se separaram nos anos de 2008/2009, há no mínimo seis meses. Considero importante pesquisar assuntos sobre enfrentamentos da separação, como também, os sentidos atribuídos á separação, para poder propor melhorias na qualidade de vida dessa população. A entrevista terá duração de aproximadamente uma hora e será gravada, para que possa ser transcrita posteriormente. Afirmando neste ato, que o seu nome será mantido sobre sigilo, pois serão usados nomes fictícios para preservar sua identidade e privacidade. As informações fornecidas ficarão restritas ao uso para estudos acadêmicos e científicos.

Caso você queira esclarecer alguma dúvida sobre a pesquisa ou não queira mais participar da mesma, entre em contato comigo, a qualquer momento, pelo fone (48) 99466508, (48) 32091077. A desistência não implicará em prejuízos para o participante. Os resultados coletados serão utilizados na elaboração desta pesquisa, além de poderem ser utilizados para publicações científicas. Os riscos de desconforto que podem ocorrer durante a entrevista são mínimos. O participante não é obrigado a responder todas as perguntas.

Esclareço que será utilizado um equipamento de gravação para registrar com maior fidelidade os dados coletados e que seu nome ficará sobre sigilo. Em caso afirmativo, preencha os dados abaixo. Conto com sua colaboração e desde já agradeço. Atenciosamente, Gislaine Santos Machado.

Eu, \_\_\_\_\_, CPF nº. \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, telefone nº. \_\_\_\_\_, considero que fui suficientemente esclarecida sobre a pesquisa, realizada pela acadêmica Gislaine Santos Machado e autorizo a minha participação e a gravação da entrevista.

## **ANEXOS**



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP  
**FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**  
 ( versão outubro/99 ) Para preencher o documento, use as indicações da página 2.

|   |  |  |  |  |
|---|--|--|--|--|
| <b>1. Projeto de Pesquisa:</b><br>OS ENFRENTAMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES NO PROCESSO DE RUPTURA DA RELAÇÃO CONJUGAL.  |  |  |  |  |
| <b>2. Área do Conhecimento (Ver relação no verso)</b><br>CIÊNCIAS HUMANAS - PSICOLOGIA  |  | <b>3. Código:</b><br>7.07  |  | <b>4. Nível:</b> ( Só áreas do conhecimento 4 )                        |
| <b>5. Área(s) Temática(s) Especial (s) (Ver fluxograma no verso)</b>  |  | <b>6. Código(s):</b>   |  | <b>7. Fase:</b> (Só área temática 3)<br>I ( ) II ( )<br>III ( ) IV ( ) |
| <b>8. Unitermos:</b> ( 3 opções )<br>RUPTURA CONJUGAL, MULHERES , SAÚDE.  |  |  |  |  |
| <b>SUJEITOS DA PESQUISA</b>   |  |  |  |  |
| <b>9. Número de sujeitos</b><br>No Centro: 06<br>Total: 06  |  | <b>10. Grupos Especiais :</b> <18 anos ( ) Portador de Deficiência Mental ( ) Embrião /Feto ( ) Relação de Dependência (Estudantes , Militares, Presidiários, etc ) ( ) Outros ( ) Não se aplica ( X ) |  |  |
| <b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>  |  |  |  |  |
| <b>11. Nome:</b><br>ANA MARIA PEREIRA LOPEZ   |  |  |  |  |
| <b>12. Identidade:</b><br>14643402  |  | <b>13. CPF.:</b><br>564.876.579-72   |  | <b>19. Endereço (Rua, n.º):</b><br>Av. PEDRA BRANCA,25                 |
| <b>14. Nacionalidade:</b><br>BRASILEIRA   |  | <b>15. Profissão:</b><br>PSICÓLOGA   |  | <b>20. CEP:</b><br>88063-300   |
| <b>16. Maior Titulação:</b><br>MESTRADO   |  | <b>17. Cargo</b><br>PROFª DE ENSINO SUPERIOR   |  | <b>21. Cidade:</b><br>FLORIANÓPOLIS                                    |
| <b>18. Instituição a que pertence:</b><br>UNISUL – UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA  |  | <b>23. Fone:</b><br>(48) 3279-1000   |  | <b>22. U.F.</b><br>SC  |
| <b>24. Fax</b>  |  | <b>25. Email:</b><br><a href="mailto:ana.lopes@unisul.br">ana.lopes@unisul.br</a>  |  |  |
| <b>Termo de Compromisso:</b> Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.<br>Data: ____/____/____ |  |  |  |  |
| Assinatura  |  |  |  |  |
| <b>INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO</b>  |  |  |  |  |
| <b>26. Nome:</b><br>UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA   |  | <b>29. Endereço (Rua, n.º):</b><br>AV. PEDRA BRANCA, 25 – CIDADE UNIVERSITÁRIA<br>PEDRA BRANCA   |  |  |
| <b>27. Unidade/Órgão:</b><br>CURSO DE PSICOLOGIA  |  | <b>30. CEP:</b><br>88.137-270  |  | <b>31. Cidade:</b><br>PALHOÇA  |
| <b>28. Participação Estrangeira:</b> Sim ( ) Não ( )  |  | <b>33. Fone:</b> (48) 3279-1000  |  | <b>32. U.F.</b><br>SC  |
| <b>34. Fax.:</b>  |  | <b>35. Projeto Multicêntrico:</b> Sim ( ) Não ( X ) Nacional ( ) Internacional ( )<br>( Anexar a lista de todos os Centros Participantes no Brasil )   |  |  |
| <b>Termo de Compromisso ( do responsável pela instituição ) :</b> Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução<br>Nome: PAULO ROBERTO SANDRINI Carga: COORDENADOR DO CURSO PSICOLOGIA<br>Data: ____/____/____                               |  |  |  |  |
| Assinatura / Carimbo  |  |  |  |  |
| <b>PATROCINADOR Não se aplica ( X )</b>   |  |  |  |  |
| <b>36. Nome:</b>  |  | <b>39. Endereço</b>  |  |  |
| <b>37. Responsável:</b>   |  | <b>40. CEP:</b>  |  | <b>41. Cidade:</b>   |
|   |  |  |  | <b>42. UF</b>  |

|   |                        |   |  |
|---|------------------------|---|--|
| 38. Cargo/Função:   |                        | 43. Fone:   | 44. Fax:                                     |
| <b>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP</b>  |                        |   |  |
| 45. Data de Entrada:<br>____/____/____  | 46. Registro no CEP:   | 47. Conclusão: Aprovado ( )<br>Data: ____/____/____ | 48. Não Aprovado ( )<br>Data: ____/____/____ |
| 49. Relatório(s) do Pesquisador responsável previsto(s) para:<br>Data: ____/____/____      Data: ____/____/____               |                        |   |  |
| Encaminhamento a CONEP:<br>50. Os dados acima para registro ( ) 51. O projeto para apreciação ( )<br>52. Data: ____/____/____ |                        | 53. Coordenador/Nome<br>_____<br>Assinatura         | Anexar o parecer substanciado                |
| <b>COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP</b>   |                        |   |  |
| 54. Nº Expediente :   | 56. Data Recebimento : | 57. Registro na CONEP:                              |  |
| 55. Processo :  |                        |   |  |
| 58. Observações:  |                        |   |  |



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA  
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL  
FOLHA DE ROSTO PARA SUBMISSÃO DOS PROJETOS**

Este formulário deve ser datilografado ou preenchido no computador. Antes de preencher este formulário e os demais formulários utilizados pelo CEP-UNISUL e encaminhar o projeto para análise, é recomendada a leitura das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde N<sup>o</sup> 196 de 10/10/96 e N<sup>o</sup> 251 de 7/8/97.

|  |  |
|--|--|
| <b>Título do Projeto</b>   | Enfrentamentos vivenciados por mulheres no processo de ruptura do relacionamento conjugal. |
| <b>Professor</b> (Pesquisador responsável): preencha suas informações e indique o local onde deseja receber seu parecer (dados válidos <b>somente</b> para envio de correspondência interna, dentro da Unisul) |  |
| Nome Pesquisador (professor):  | Prof <sup>a</sup> . Ana Maria Pereira Lopez  |
| Curso de Graduação:  | Psicologia   |
| Campus:  | Norte - Pedra Branca   |
| Responsável do local pelo recebimento do parecer:  | Apoio ao Docente Pedra Branca – Escaninho do Professor Pesquisador Responsável             |

|  |  |   |
|--|--|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> - Monografia/Graduação | <input type="checkbox"/> - Monografia/Especialização | <input type="checkbox"/> - Iniciação Científica |
| <input type="checkbox"/> - Mestrado                        | <input type="checkbox"/> - Projeto de Pesquisa       | <input type="checkbox"/> - Doutorado            |

| <b>Para preenchimento da Comissão de Ética em Pesquisa - CEP-UNISUL</b>  |                           |
|--|---------------------------|
| Data de entrada:   | Registro no CEP (código): |
| Relator:   |                           |
| Andamento ou Parecer - escrever data abaixo  |                           |
| <input type="checkbox"/> Aprovado <input type="checkbox"/> Aprovado c/ Pendência <input type="checkbox"/> Retirado <input type="checkbox"/> Aprovado e Encaminhado à CONEP |                           |
|  |                           |

| <b>Para preenchimento do Pesquisador</b>  |   |
|---|---|
| Título<br>(sucinto e objetivo)  | Enfrentamentos que mulheres vivenciam no processo de ruptura do relacionamento conjugal.  |
| Pesquisador Responsável e pesquisador externo (nome, endereço, e-mail e telefone).          | <p>Prof<sup>a</sup>. Ana Maria Pereira Lopes<br/> A. Pedra Branca, 25 – Cidade Universitária Pedra Branca. Palhoça.SC.<br/> CEP: 88137-270 –<br/> Fone: 3279-1000<br/> E-mail: <a href="mailto:ana.lopes@unisul.br">ana.lopes@unisul.br</a></p> <p>Gislaine Santos Machado<br/> R. Felipe Schmitt, 1011 – Centro – Florianópolis.<br/> S.C. - CEP: 88010-002<br/> Fone: (48) 32091077<br/> E-email: <a href="mailto:gilmachado23@yahoo.com.br">gilmachado23@yahoo.com.br</a></p>                                |
| Outros pesquisadores somente nome, telefone e e-mail.                                       |   |
| Objetivo(s) do Estudo   | <p>Objetivo geral:</p> <p>Caracterizar os enfrentamentos que mulheres vivenciam no processo de ruptura do relacionamento conjugal.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <p>Identificar o significado que as mulheres atribuem ao relacionamento conjugal.</p> <p>Identificar as dificuldades que mulheres experimentam ao passar pelo processo de separação de seu cônjuge.</p> <p>Identificar de que forma as mulheres agem mediante as situações oriundas do processo de ruptura do relacionamento conjugal.</p> |
| Métodos   | <p>a) Seis mulheres separadas no ano 2008 e usuárias da Unidade Básica de Saúde (UBS) do Bairro Bela Vista – Palhoça. Serão selecionadas pela pesquisadora as cinco primeiras mulheres identificadas junto ao cadastro da UBS, no item estado civil, constantes como separadas, dentro desse critério que se encontrarem disponíveis para entrevista.</p> <p>b) A Pesquisa será feita por intermédio de entrevista</p>  |
| a. Identificação dos sujeitos da pesquisa, número de indivíduos, idade e método de seleção. |   |
| b. Procedimentos (resumidamente)  |   |

|  |   |
|--|---|
| <p>c. Medidas das variáveis a serem obtidas</p> <p>d. Armazenamento de dados</p> <p>e. Análise, métodos estatísticos</p> | <p>semi-estruturada, a ser realizada de acordo com a disponibilidade da entrevistada em uma sala reservada na UBS do bairro Bela Vista – Palhoça ou ainda, segundo necessidades da entrevistada a pesquisa poderá ser efetuada em sua própria residência;</p> <p>c) Medida qualitativa do significado enfrentamentos de processo de separação;</p> <p>d) Serão armazenados em local privativo, protegidos do acesso de pessoas estranhas a esta Pesquisa, ou seja, o acesso será restrito aos Pesquisadores.</p> <p>e) A Análise será feita por Categorias.</p> |
| <p>Local e tempo de duração do estudo</p>  | <p>Local: Unidade Básica de Saúde do Bairro Bela Vista – Palhoça.SC.</p> <p>Início: Em Julho/2008    Término: Em Julho /2009</p>  |
| <p>Perigos ou riscos potenciais ao sujeito da pesquisa/pacientes</p>   | <p>Riscos mínimos.</p>  |
| <p>Procedimentos de desconforto e de estresse aos sujeitos das pesquisa/pacientes</p>                                    | <p>É possível haver a existência de desconforto, ainda que em grau mínimo, e se isso ocorrer, a entrevistada será atendida em relação ao agente mobilizador.</p>  |
| <p>Grau de Risco</p>   | <p>( X ) - Mínimo      ( ) - Médio      ( ) - Alto</p>  |
| <p>Arranjos financeiros e Indenização</p>  | <p>Não há arranjos financeiros, nem indenização.</p>  |
| <p>Quais pessoas terão acesso aos dados?</p>   | <p>Aos dados brutos, terão acesso apenas a pesquisadora externa e pesquisadora responsável.</p>   |
| <p>Documentos enviados</p>   | <p>a. Formulário Folha de Rosto - CONEP      ( X )</p> <p>b. Folha de Rosto para Submissão dos Projetos - CEP UNISUL      ( X )</p> <p>c. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido      ( X )</p> <p>d. Declaração de Instituições envolvidas      ( X )</p> <p>e. Autorização para fotos, filmagens e gravações      ( X )</p> <p>f. Outros (se solicitado pelo CEP).      ( )</p>   |

|                      |             |
|----------------------|-------------|
|                      | _____       |
| Assinatura:<br>_____ | Data: _____ |

Adaptado de: (1) South Sheffield Ethics Committee, Sheffield Health Authority, UK; (2) Guidelines on the Practice of Ethics Committees in Medical Research Involving Human Subjects, Royal College of Physicians of London, 2<sup>nd</sup> Edition, 1990.